

ISHRAEL RICKLI DE CARVALHO

**A CAPACITAÇÃO DOS CONDUTORES DE RAFTING: ESTUDO DE CASO
AGÊNCIA DE TURISMO APUAMA RAFTING**

Trabalho de Fundamentação Teórica apresentado como requisito parcial para avaliação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do 4º ano do curso de Turismo da Unicentro.

Orientador: Professor Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto.

IRATI
2016

Dedico à minha futura esposa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a aquele que fez as corredeiras e nos deu

Ao Ronaldo que me incentivou a ir pra SC

À Cláudia por permitir essa pesquisa acontecer

À Equipe Apuama

Ao Maicon por me puxar de volta de um refluxo

Ao Marcello meu amigo e professor no rio e no mar

Ao Olívio pela dica que me fez passar bem o Borbulhas

Ao Rafael pelo material sobre rafting

Ao Willian pela guiada noturno

E ainda mais

À Denise

À Cristina

À Larissa

E durante a graduação, os amigos

André, Diego e Élton

Edison e Emerson

Jairo e Thiago

“Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão.
Aquele que sai chorando enquanto lança a semente, voltará com
cantos de alegria, trazendo seus feixes” Salmos 126:5,6

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um estudo de caso da operadora de rafting Apuama Rafting com objetivo de verificar quais requisitos são necessários para atuar como condutor de rafting, mais especificamente, sobre qualificação e certificações. Na fundamentação teórica constam informações necessárias para conhecer e caracterizar o Turismo de Aventura, a diferença desta e o ecoturismo, a prática do rafting, critérios e condições dos rios, dos equipamentos e medidas de segurança para a prática deste esporte. As fontes consultadas para tal foram trabalhos disponíveis sobre cada uma das temáticas, e princípios de segurança estabelecidos pela Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Os dados para a pesquisa foram obtidos através de observações in loco, informações fornecidas pessoalmente pela proprietária e funcionários, questionários, imagens, e sites, desta e outras empresas do ramo. O questionário foi organizado de forma a verificar o tempo de serviço, vínculo empregatício, formação e experiência de cada um dos condutores e ainda para colher a opinião a respeito de algumas das principais atribuições do condutor e do rafting. Estes dados após tabulados e analisados são apresentados e discutidos no decorrer do trabalho, e permitem entender aspectos da realidade desta operadora, que, dentro dos limites da amostragem, refletem a organização desta atividade no cenário brasileiro. Espera-se que esta pesquisa sirva de base para outras, possibilite reflexões e possa contribuir para a qualidade dos serviços ofertados pelas empresas no que diz respeito aos condutores, garantindo cada vez mais segurança aos praticantes do rafting no Brasil.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso es un estudio de caso de la operadora de rafting Apuama Rafting, que objetivó comprobar que es necesario para actuar como guía de rafting, más precisamente en la calificación y certificación. La fundamentación contiene la información necesaria para comprender y caracterizar el turismo de aventura, la diferencia con el ecoturismo, también la práctica del rafting, los criterios y condiciones de ríos, equipos, y medidas de seguridad para este deporte. Para el que fueron consultados, trabajos disponibles en cada uno de los temas, y principios de seguridad de la Asociación Brasileña de Empresas de Ecoturismo y Turismo de Aventura. El estudio utilizó de observación in loco para obtener las informaciones, también cojidas con la propietaria y el personal, con cuestionarios, imágenes, y sitios en la web, de la operadora, y otras del turismo de aventura. El cuestionario buscó cual el tiempo de servicio, vínculo laboral, formación y experiencias de cada guía, y su opinión a respecto de las principales atribuciones del guía de rafting. Estos datos después de la tabulación y análisis son presentados y discutidos durante el trabajo, que permiten comprender aspectos de la realidad de esta operadora de turismo, que, en los límites del muestreo, reflejan en la organización de esta actividad en el escenario brasileño. La investigación puede servir de base para otras, para discutir sobre el tema y contribuir para la cualidad de los servicios ofertados por las empresas y por sus guías, garantizando cada vez más, seguridad para los practicantes del rafting en Brasil.

Lista de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Localização de Santo Amaro da Imperatriz e PE da Serra do Tabuleiro . | 16 |
| Figura 2 – Expedição do Cânion Preto..... | 20 |
| Figura 3 – Corredeiras roteiro Radical do rio Cubatão do Sul..... | 21 |
| Figura 4 – Modelo dos remos utilizados para o Rafting | 35 |
| Figura 5 – Protocolo de sinais | 46 |

Lista de quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Atividades de aventura | 31 |
| Quadro 2 – Classificação de corredeiras IRF..... | 39 |
| Quadro 3 – Cursos Rescue 3..... | 43 |

Lista de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Alguns aspectos promovidos pelo rafting | 52 |
| Tabela 2 – Profissional enquanto condutor | 53 |
| Tabela 3 – Quanto a algumas variáveis da operação | 54 |
| Tabela 4 – Quanto à profissionalização | 55 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| METODOLOGIA | 11 |
| CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO | 14 |
| O município | 14 |
| A empresa | 22 |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 25 |
| 1.1 ATIVIDADE TURÍSTICA..... | 25 |
| 1.2 TURISMO DE AVENTURA E ECOTURISMO | 28 |
| 1.3 RAFTING..... | 32 |
| 1.3.1 Equipamentos | 33 |
| 1.3.1.1 Coletes | 34 |
| 1.3.1.2 Capacete | 34 |
| 1.3.1.3 Remo..... | 34 |
| 1.3.1.4 Saco de resgate | 35 |
| 1.3.1.5 Roupas de neoprene | 36 |
| 1.3.1.6 Bote | 36 |
| 1.3.2 Rios adequados para rafting | 36 |
| 1.4 CLASSIFICAÇÕES DOS RIOS | 39 |
| 1.5 ATRIBUIÇÕES DO CONDUTOR | 41 |
| 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 48 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 58 |
| REFERÊNCIAS | 62 |
| APÊNDICES | 66 |
| APÊNDICE 01: Questionário para o condutor..... | 67 |
| APÊNDICE 02: Questionário para a empresa..... | 69 |

INTRODUÇÃO

O Turismo de Aventura (TA) está entre os segmentos que mais crescem no mercado turístico atualmente. A década de 1990 do século passado representou outro momento importante para atividades turísticas no meio natural, período em que estas atividades passaram a ser valorizadas e ganhar destaque comercial.

Sem dúvidas um ponto positivo, um novo campo a ser explorado. No entanto, junto com o interesse pela prática destas atividades cresceu o número de empresas ofertando-as. Por ser esta atividade comercial relativamente nova, tanto os profissionais como as empresas não possuíam conhecimentos e capacitação adequada e/ou suficientes, incorrendo em uma grande incidência de acidentes entre os praticantes e conseqüentemente a menor procura por esta atividade.

A partir destas ocorrências houve a preocupação com a elaboração de uma legislação para regulamentar as atividades do turismo de aventura, exigências surgiram e foram impostas às empresas envolvidas para orientar atendimentos, estabelecer normas de segurança e qualidade, cuidados com os equipamentos, necessidade de certificação e para isso a qualificação profissional dos colaboradores entre outras, como requisitos mínimos para prestação de serviços na área.

Este trabalho teve como objetivo principal verificar quais os requisitos necessários para atuar como condutor¹ de rafting², que experiências e certificações são exigidas, bem como se conhecer e adotar as normas de segurança estabelecidas pela Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) que consiste em um critério de atuação dos profissionais da área.

Tendo a agência de Turismo de aventura Apuama Rafting de Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina como campo de pesquisa, buscou-se verificar de que forma tem sido organizada a atividade esportiva do rafting, a formação necessária para atuar como guia de rafting comercial da empresa, o impacto, a influência e a importância das diretrizes fornecidas pela ABETA na atuação dos condutores e na qualidade da prestação de serviços aos turistas pela empresa em questão e se estas estão em conformidade com o anunciado através da mídia.

¹ Guia é outro termo utilizado em muitos trabalhos acadêmicos e em apostilas de treinamento para se referir a mesma função. Termo este adotado também pela empresa alvo desta pesquisa.

² Desporto, tipo de canoagem praticada em botes insufláveis que percorrem as corredeiras de um curso de água (PRIBERAM, 2015).

Os resultados da presente pesquisa contribuem para o entendimento do cenário atual do rafting, quanto aos profissionais envolvidos e às empresas que atuam neste segmento.

Os dados obtidos através desta pesquisa poderão constituir-se em importante fonte de informações para a formação de futuros profissionais da área, servir de base para outras pesquisas, uma vez que ainda é um campo pouco explorado no meio acadêmico, havendo uma carência de trabalhos científicos na área, justificando a pesquisa em curso.

Além disso, subsidia a prática dos profissionais e das empresas que atuam no turismo de aventura e mais especificamente no rafting.

Este trabalho de conclusão de curso é composto da metodologia onde são apresentados os procedimentos adotados na e para a pesquisa, a fundamentação teórica que além de definir e caracterizar a atividade turística, ecoturismo e o turismo de aventura, o rafting e as condições para a sua prática, trata da legislação e enumera as atribuições do condutor estabelecidas pela ABETA.

Além de buscar fundamentos teóricos a pesquisa trás dados fornecidos por profissionais e pelo proprietário da agência de Turismo de Aventura Apuama Rafting de Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina, que há quinze anos oferece o rafting como principal atividade. Foram aplicados questionários e colhidas informações em fontes diversas que foram analisados e subsidiaram a discussão dos resultados.

A partir das discussões dos resultados pretende-se auxiliar na conscientização tanto de empresas quanto de profissionais do rafting, visando uma prestação de serviço cada vez de maior qualidade, garantindo assim a segurança dos turistas bem como a procura por esta atividade.

O trabalho objetiva responder a seguinte problemática: qual a experiência profissional e quais as certificações de um condutor de rafting comercial? Diante disso, toma-se como objetivo geral, identificar a capacitação dos condutores da operadora de turismo, Apuama Rafting. E, como objetivos específicos, levantar as certificações necessárias para o condutor, que opera na empresa em estudo; identificar experiências válidas para que atue como condutor.

METODOLOGIA

A metodologia é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos envolvendo um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados para realizar uma pesquisa que é a atividade preponderante da metodologia (GERHARDT e SOUZA, 2009).

De acordo com Minayo (1993) a pesquisa é uma atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade, um processo intrinsecamente inacabado e permanente, uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

A presente pesquisa configura-se como de caráter quali-quantitativo, utilizando questões abertas e fechadas direcionadas para os profissionais que atuam na agência de Turismo de Aventura Apuama Rafting de Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina, que há quinze anos oferta atividade de rafting.

Qualitativo por ser um método que permite estudos específicos, para o aprofundamento em um assunto isolado. A pesquisa qualitativa, possibilita que um fenômeno seja compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada (GODOY, 1995). Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, valendo-se de diferentes abordagens (GERHARDT e CÓRDOVA, 2009).

Segundo Godoy (1995) a pesquisa na perspectiva qualitativa, pode ser conduzida através de diferentes formas, a saber: a pesquisa documental, a etnografia e o estudo de caso que foi adotado para esta pesquisa, principalmente no que refere-se à qualificação dos profissionais contratados com a função de condutores da prática turística do rafting.

O estudo de caso é a categoria que melhor se enquadra no cumprimento dos objetivos a que a pesquisa se propôs responder. Para Yin (1994) é uma abordagem da metodologia de investigação, para que se compreenda, explore ou descreva acontecimentos e contextos complexos, onde há uma pluralidade de fatores.

Para Godoy (1995), o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular

Segundo a autora, esta tem sido a opção de estratégia quando se pretende responder às questões "como" e "por quê" de certos fenômenos adotando um enfoque exploratório e descritivo devendo estar aberto às suas descobertas.

No entanto, alguns dados colhidos nesta pesquisa, serão trabalhados e expostos através de dados numéricos. Informações que puderam ser comparadas entre si devido à especificidade do assunto e com a legislação que regulamenta o turismo de aventura e mais especificamente o rafting, o que se configura de acordo com Dencker (1998), como pesquisa quantitativa.

A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. (GERHARDT e CÓRDOVA, 2009).

A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa, segundo estas autoras, permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Esta pesquisa teve como objeto a agência de Turismo de Aventura Apuama Rafting, a qual opera atividades de aventura a quinze anos, tendo desde o começo como principal atividade o rafting. Situada no bairro Caldas da Imperatriz, que é conhecido por suas fontes de águas termais, no município de Santo Amaro da Imperatriz – Santa Catarina, próximo à capital do estado, de onde provém a maior parcela dos turistas que contratam os serviços da operadora. Conforme os dados apresentados pelo Guia Floripa (2015):

Santo Amaro é o local mais próximo da capital para a prática de rafting. Distante apenas 30 km de Florianópolis, a região é cortada pelo Rio Cubatão do Sul, onde o rafting começou a ser praticado em 1999. Este rio limita o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro ao norte e apresenta 20 Km de percurso para navegação em corredeiras, com níveis de dificuldade entre I e IV. Graças ao rafting a região ganhou novo impulso no que se refere a atividades turísticas – aproximadamente 5.000 praticantes anuais. Com a prática do rafting as pessoas passaram a valorizar e preservar o Rio Cubatão, que abastece aproximadamente um milhão de pessoas da Grande Florianópolis.

O contato inicial com a empresa ocorreu em função de um estágio previsto na grade do curso de bacharel em turismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – *campus* Irati.

Na busca por informações sobre agências Turismo de Aventura que ofertam rafting, a empresa Apuama Rafting de Santa Catarina foi uma das indicadas e assim que contatada, houve a aceitação da mesma em receber o pesquisador como estagiário e, posteriormente de participar da pesquisa disponibilizando também, sua equipe de trabalho.

O estágio ocorreu no início do ano de 2015, durante a alta temporada, cumprindo um total de 528 horas de trabalho, período em que foram colhidas boa parte das informações pessoalmente pelo pesquisador, através de observações e entrevistas abertas, que permitiram o ajuste ou reformulação no decorrer de sua permanência no campo da pesquisa possibilitando um entendimento mais aprofundado do assunto.

Após este período foram enviados questionários aos condutores, bem como para a proprietária da empresa por meio eletrônico que foram respondidos e reenviados também por este meio de comunicação. Foram enviados sete questionários, que foram respondidos pela equipe em sua totalidade.

O questionário entregue aos condutores foi dividido em duas etapas principais. A primeira procurou identificar qual é a experiência profissional do condutor de turismo atuante na empresa, tempo de trabalho como guia de rafting, o vínculo empregatício com a empresa, a quantidade de empresas que este atuou, além de questões relacionadas aos certificados que o mesmo possui.

Na segunda parte foi elaborado um questionário em escala, mais precisamente em escala de Likert, para fazer a avaliação dos funcionários em relação a alguns aspectos da prática do rafting e outros levantados durante a fundamentação que se revelaram importantes para discussão. Possibilitou ainda, a comparação do que é encontrado em trabalhos científicos a respeito do profissional do rafting, e a opinião deste profissional sobre o assunto.

Esta técnica de pesquisa foi escolhida por ser considerada uma boa maneira de avaliar, capaz de resumir as perguntas, facilitando a compreensão e gerando respostas mais precisas. A escala possibilita que a pessoa ao responder expresse seu nível de concordância em relação à pergunta proposta, podendo enumerar sua

avaliação em uma escala de 3, 4, 5, 7 ou 11 pontos (LIMA *apud* VALA, J. e MONTEIRO, 2000).

O nível selecionado para o presente trabalho é de 4 pontos, por permitir um grau de concordância/discordância considerado suficiente para a pesquisa, sem que fosse incoerente com a quantidade de condutores a serem entrevistados.

Os valores da escala foram traduzidos em graus onde (4) representa concordância total, (3) concordância parcial, (2) discordância parcial e (1) discordância total da afirmação. Foram vinte e cinco questões, divididas em cinco tabelas conforme o assunto tratado em cada grupo de perguntas.

Para a proprietária também foi enviada uma questão que buscou averiguar quais as exigências são feitas pela empresa em relação à qualificação do condutor na seleção de seu quadro de colaboradores.

Outras fontes de pesquisa e informações utilizadas como recursos da pesquisa foram fotografias do local, imagens de satélite, pesquisa em catálogos/guias turísticos locais, folders e arquivos da própria empresa.

Por fim, os dados obtidos com os questionários foram organizados e, quando necessário, tabulados, para que pudessem ser comparados com as informações dispostas na fundamentação do trabalho, promovendo a discussão apresentada no do terceiro capítulo.

CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Como o objeto de estudo deste trabalho são os condutores de rafting que atuam na agência de turismo Apuama Rafting, que oferta esta atividade turística no meio natural, torna-se imprescindível a caracterização do município catarinense de Santo Amaro da Imperatriz onde está sediada bem como informações e características regionais para que seja possível dimensionar a importância das atividades turísticas locais. Tais informações estão dispostas e organizadas nos subcapítulos a seguir.

O município

O município de Santo Amaro da Imperatriz está localizado próximo ao litoral central de Santa Catarina. O levantamento de estatísticas de 2010, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que cidade possui 19.823 habitantes, população essa estimada para em 2015 contar com 21.920 habitantes e área total de 344,049 km² (IBGE, 2015).

Segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2013), neste mesmo ano, 2010, a representatividade no município de jovens era de 30,0% da população, dos adultos era 59,4% e dos idosos estava em 10,6%. Este índice está pautado na divisão da população em três faixas etárias onde, os jovens, compreendem do nascimento até 19 anos; os adultos, dos 20 anos até 59 anos; e idosos, a partir de 60 anos.

Em aspectos econômicos, o principal setor do município em 2011 era o setor terciário que corresponde ao comércio, o mais representativo em número de empresas, e setor de serviços que no ano em questão (2011) gerou o número maior de empregos no município (SEBRAE 2013).

Na Figura 1, é destacada a área do município em cor laranja (IBGE, 2015):

Figura 1 – Localização de Santo Amaro da Imperatriz e PE da Serra do Tabuleiro



Fonte: IBGE (2015)

Na ilustração anterior é visível a proximidade do município com a capital do estado e com o litoral do continente, além disso, é perceptível que a maior parcela do seu território está dentro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Aspectos que deverão ser tratados adiante, pela influência que exercem sobre a atividade turística local.

O município é beneficiado pela proximidade com Florianópolis, capital do estado, de onde provém maior parte dos turistas atendidos pela operadora de turismo Apuama Rafting, salienta Claudia Laurent, proprietária da agência.

Florianópolis, está no centro-leste do estado de Santa Catarina e é banhada pelo Oceano Atlântico. De acordo com o IBGE (2015) sua população atual é de 421.240 habitantes, sendo que, contando com a metrópole possui 1.012.831 habitantes.

A ilha de Santa Catarina possui uma forma alongada e estreita, com comprimento médio de 54 km e largura média de 18 km o que proporciona uma característica de litoral bastante recortado. Possui várias enseadas, pontas, ilhas,

baías e lagoas. A ilha está situada de forma paralela ao continente, separadas apenas por um estreito canal (GUIA FLORIPA, 2015).

O portal Guia Floripa (2015) ainda salienta que pela localização, relevos, climatologias, e distinções geográficas, Florianópolis é considerada a quarta capital mais fria do país, ficando atrás apenas de Curitiba, São Paulo e Porto Alegre.

Segundo a Prefeitura municipal de Florianópolis (2011) a população da cidade é bastante diversa, embora a grande maioria seja de ascendência europeia, a cidade é majoritariamente de origem portuguesa, com destaque apenas para os colonos açorianos, que colonizaram a região em meados do século XVIII.

Dentre os atrativos turísticos da capital salientam-se, além das praias e monumentos históricos, as localidades onde se instalaram as primeiras comunidades de imigrantes açorianos, como Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição, Santo Antônio de Lisboa e o próprio centro histórico da cidade, que é considerada um dos principais pontos turísticos do destino.

De acordo com o Guia Floripa (2015) entre as principais fontes de renda do município de Florianópolis está o turismo, fator crucial no desenvolvimento positivo econômico; essa atividade tem uma relevante influência no crescimento da oferta dos atrativos, o que torna crescente a demanda, principalmente no verão, onde a quantidade de turistas se aproxima do número de habitantes. Fenômeno que também influencia as regiões metropolitanas e cidades vizinhas, dentre elas Santo Amaro da Imperatriz.

Por sua vez o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, além de um recurso paisagístico, está no roteiro de aventureiros e montanhistas, que visitam o local especialmente para subirem o Pico do Tabuleiro, maior em altitude das formações montanhosas do complexo, roteiro que é comercializado pela empresa em estudo (MOCHILEIROS, 2015).

Conforme visto anteriormente, o PE (Parque Estadual) ocupa a maior parte do território de Santo Amaro da Imperatriz. O Parque foi criado em 1975 sendo a maior Unidade de Conservação (UC) do estado de Santa Catarina, administrado pela Fundação do Meio Ambiente (FATMA) (SANTA CATARINA, 2009).

Mesmo sendo a maior UC do estado, representa apenas 1% deste, com base nos dados disponibilizados pela FATMA. Compreende uma área equivalente a 841,3 Km² (quilômetros quadrados), com relevos bem distintos por suas cadeias montanhosas, possui uma biodiversidade considerável, com biomas desde campos

de altitude, como outros existentes no território continental da unidade – conforme é possível visualizar em verde na Figura 1 – até restingas e manguezais nas áreas litorâneas, especialmente de ilhas pertencentes ao Parque Estadual (SANTA CATARINA, 2009).

Cruzando o PE Serra do Tabuleiro está o rio Cubatão do Sul, com uma bacia hidrográfica de mais de 700 Km² dos quais 342 Km² se encontram dentro da unidade de conservação. A nascente deste rio está localizada no município de Águas Mornas, seus principais afluentes são os rios do Salto, dos Bugres, das Águas Claras, Forquilhas, Ribeirão Vermelho, Matias e Vargem do Braço, sendo originário da junção dos rios Cedro e Bugres. Coberto predominantemente por Mata Atlântica o solo desta bacia tem a maior parcela de sua totalidade preservada, outra parte é representada pela agricultura que ocupa 2%, e ainda outra, por pastagens e campos que equivalem 20% da área total (ZECHNER, 2013).

A extensão total do rio é de 62 Km (quilômetros), neste percurso abrange integralmente os municípios de Águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz, e parcialmente os municípios de São Pedro de Alcântara e Palhoça. A maior parte do abastecimento de água da região metropolitana de grande Florianópolis, além de outras localidades, é através do rio Cubatão do Sul, sendo de grande importância a preservação deste recurso natural (ZECHNER, 2013).

Apesar da importância deste rio em toda a sua extensão, este enfrenta alguns problemas como, por exemplo, derrubada de árvores para fins de comercialização, agricultura e pecuária, esgotos de municípios às suas margens e dragagem de areia. Outra ameaça que impactará a prática do rafting neste rio é a possibilidade de implantação de seis Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH), comprometendo-a uma vez que se tornaria inviável (ATIVA RAFTING, 2015).

Até a presente data a implantação de PCHs não foi autorizada e entre os fatores pesa o fato da prática do rafting comercial contribuir para o desenvolvimento econômico dos municípios por onde passa o rio Cubatão do Sul, beneficiando diretamente e indiretamente o setor de transporte, alimentício e o comércio em geral, especialmente do município de Santo Amaro da Imperatriz.

Como ainda não sofre interferência de usinas hidrelétricas, a exequibilidade da descida no rio depende dos fatores climáticos, basicamente do índice pluviométrico.

No caso do alto índice pluviométrico o volume de água corrente aumenta, bem como as classes das corredeiras, conforme afirma a ABETA (2009c, p. 42) “quanto maior a continuidade do fluxo de água, menos frequentes são os remansos para parar e ter espaço para estabilizar”, uma vez que a velocidade com que a água flui é maior diminuindo o tempo hábil para a preparação da embarcação.

Nestes casos é importante uma avaliação considerando alguns parâmetros para definir se a atividade ocorrerá ou não, como por exemplo, o perfil do grupo de clientes, idade, espírito aventureiro, condição física e também a capacitação dos condutores que vão atuar na descida.

Por outro lado, se o volume do rio estiver baixo, as embarcações costumam ficar presos sobre as pedras. Nestes casos algumas medidas costumam ser adotadas pela empresa para contornar essa situação como por exemplo: colocar menos passageiros no bote, para que fique leve o suficiente, ou ainda, esvaziar parcialmente o fundo do bote, tornando-o suficientemente flexível para transpor trechos rasos.

Dentre as corredeiras encontradas nos trechos comercializados, existem corredeiras de classe II, III, IV e uma corredeira classe V, sendo que em condições consideradas normais, a maior incidência é de corredeiras classe III, que de acordo com a ABETA (2009c, p. 42) são:

Corredeiras com ondas moderadas e irregulares, que podem ser difíceis de evitar. Ondas, refluxos e dificuldades técnicas são maiores. Pode haver saltos e grandes obstruções. O principal fator de diferenciação dessas corredeiras é que o remador terá que buscar e reconhecer uma linha de descida para evitar obstáculos e perigos. Os condutores necessitam ser adequadamente qualificados.

Em um dos roteiros, chamado Expedição Cânion Preto, são encontradas algumas corredeiras enquadradas nas classes de alto grau de dificuldade. Uma delas denominada Duas Quedas, está próxima a metade do percurso, é classificada como nível IV (muito difícil), sendo recomendada a realização de *portage*³. Seguindo o curso do rio está a corredeira de classe mais alta do roteiro, de nível V, considerada extremamente difícil, exige portagem de embarcações que transportam clientes, e leva o nome apropriado de Armagedom (Figura 2). A portagem ocorre por rochas, que além de consistirem em um caminho seguro, é privilegiada devido ao seu apelo

³ Equivalente a portagem no português, passar determinada corredeira pela margem, em geral por ser/estar muito perigosa (MERKLE, 2002).

visual que se alia à imponência da queda na lateral, este ponto costuma servir como local para o lanche pra quem faz a expedição (KAYAK BRASIL, 2015).

A seguir a imagem, registrada pelo autor, do momento de lanche da equipe, enquanto contempla a corredeira Armagedom:

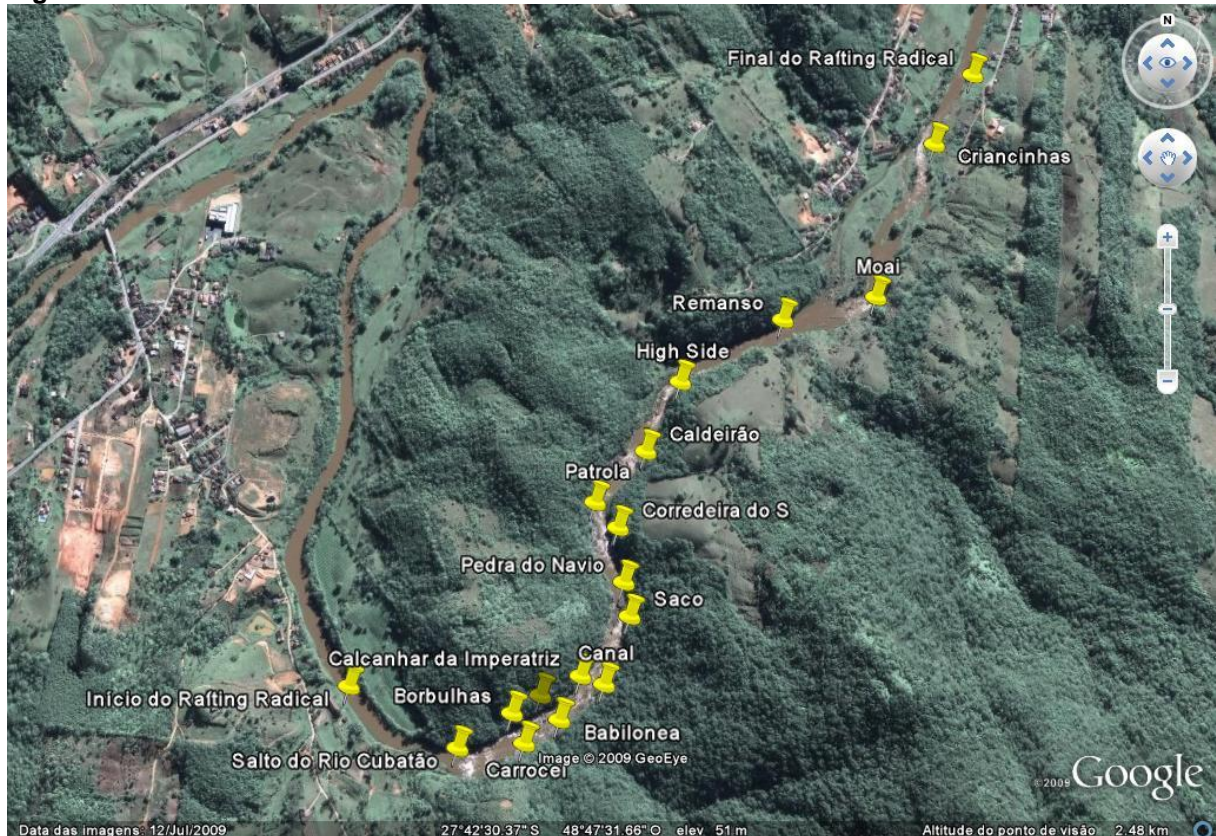
Figura 2 – Expedição do Cânion Preto



Fonte: Acervo Apuama Rafting (2015)

O outro roteiro, conhecido como Radical, segue o padrão de quedas classe III do rio, exceto por uma, chamada corredeira do Saco, de classe IV, que se destaca entre as principais corredeiras do passeio, que são, Salto do Rio Cubatão, Borbulhas, Carrocel, Babilonea, Calcanhar da Imperatriz, Canal, Saco, Corredeira do S, Patrola, Caldeirão, High Side, Moai e Criancinhas, que estão pontuadas respectivamente na Figura 3 (KAYAK BRASIL, 2015):

Figura 3 – Corredeiras roteiro Radical do rio Cubatão do Sul



Fonte: Acervo Apuama Rafting (2015)

Além das corredeiras estão destacados alguns pontos relevantes como, início e termino do percurso, Pedra do Navio, onde é feita uma parada, ali o cliente pode relaxar, tirar fotos, pular na água, sempre de colete e capacete e, o remanso, trecho de águas calmas, próximo ao final do trajeto, que favorece a interação do grupo, observar o entorno, ou nadar (Informação verbal)⁴.

De acordo com (ZECHNER, 2013) por suas características morfológicas, especialmente nos trechos comercializados, o rio se torna propício para a prática do rafting, atraindo assim empresas especializadas nesta atividade, algumas delas operam a mais de quinze anos no local. Empresas que são citadas a seguir.

A primeira operadora a atuar em Santo Amaro da Imperatriz é a Trekking das Águas (TDA), fundada em 1988, ofertando atividades de TA, começando a comercializar o rafting no rio Cubatão do Sul em 1999 (TREKKING DAS ÁGUAS, 2015).

Outra operadora é a Ativa Rafting, atualmente com as seguintes bases, Paraty Angra – RJ, Itacaré – BA, Nilo Peçanha – BA, Doutor Pedrinho – SC, Vale

⁴ Laurent, proprietária da Apuama Rafting, informações sobre a empresa fornecidas ao autor, no dia 12 nov. 2015.

Europeu – SC e Grande Florianópolis – SC, esta última é a base que opera no rio Cubatão do Sul. A primeira base surgiu em 1994, no rio Itajaí, município de Ibirama – SC, no final do ano 2000 é criada a base em Santo Amaro da Imperatriz, ofertando atividades de TA entre elas o rafting (ATIVA RAFTING, 2015).

Com base nas dependências do hotel Plaza Caldas da Imperatriz, a operadora de TA, Tartarugas, atende principalmente aos hóspedes do resort, oferecendo atividades como arvorismo, canionismo⁵, rafting, rapel de cachoeira, *treeclimbing*⁶, caminhadas, observação de pássaros, além de atividades de aventura para crianças (TARTARUGAS, 2016).

E por fim, a Apuama Rafting, empresa que proporcionou ao pesquisador, primeiramente o interesse pela atividade, conseqüentemente o interesse em aprofundar o entendimento a respeito desta através de pesquisa científica. Por sua representatividade no presente trabalho, será descrita detalhadamente a seguir.

A empresa

Todas as informações que constam neste subcapítulo foram fornecidas pela proprietária da agência de turismo, objeto desse estudo, Claudia Laurent, no dia doze de novembro de 2015, através de arquivos de texto, de propriedade Apuama, nos quais constavam dados que permitiram uma breve descrição de como a empresa surgiu, como esta está organizada, quais serviços oferta, até qual a visão e a missão da operadora.

A operadora Apuama Rafting surgiu em 2002, se valendo da estrutura do Café do Tabuleiro e para atender os clientes deste. Ambos de propriedade da empresária Cláudia Laurent. No início tinha capacidade para sete pessoas por descida, dispondo de um bote de oito lugares e um *duck*⁷ para o *safety*⁸. Atualmente pode atender quarenta pessoas a cada descida, que acontecem em três horários a todos os dias: de manhã às nove horas e trinta minutos, a tarde às treze horas e trinta minutos e outra às dezesseis horas .

⁵ Modalidade esportiva que consiste em seguir o percurso traçado por um curso d'água no interior de um cânion que, a propósito, foi inventada pelos franceses ao virem para o Brasil (DICIONÁRIO INFORMAL, 2016).

⁶ Escalada em árvores, com o uso de equipamentos e técnicas verticais (TARTARUGAS, 2016).

⁷ Caiaque inflável para uma ou duas pessoas (ATIVA RAFTING, 2015).

⁸ Profissional que faz a segurança do grupo no rio, descendo à frente em um bote individual, assim tem agilidade para prestar socorro, ou simplesmente recolher algum remo que escape, e ainda pode fazer a cobertura fotográfica, enquanto um resgate não é necessário (MERKLE, 2002).

Para atender a demanda por rafting, a empresa conta com quatro colaboradores no período na baixa temporada, e sete durante a alta temporada. Dentre os quais um é chamado *headguide*⁹, é o guia chefe, que determina a escala, cuida dos equipamentos e reporta as ocorrências à proprietária. É estimado que sejam atendidas três mil pessoas no decorrer de um ano, de perfil variado.

Na maioria dos casos os clientes que chegam até a Apuama, obtiveram informações a respeito da mesma, através das redes sociais, sites, divulgação presencial e divulgação por indicação de agências de turismo parceiras e locais de hospedagem.

O operacional da empresa é composto por gerência, *headguide*, e os guias de aventura, que se revezam entre as descidas, respondendo diretamente ao *headguide* durante toda a operação, tanto em solo como na água.

De acordo com relato, Apuama Rafting tem como meta obter selo de qualificação, manter uma equipe sólida, atualizando os conhecimentos de todos os colaboradores e tornar-se um modelo de sustentabilidade.

A empresa tem como missão proporcionar aventura a todas as pessoas que a procuram, o contato com a natureza com responsabilidade, segurança, sustentabilidade e simpatia, fazendo transbordar o que poderia ser um simples passeio, a experiência de uma aventura englobando a comunidade, os sabores e que vai desde a atividade até o ócio.

Dentre os valores listados como quesitos básicos para que alcance sucesso em sua proposta estão: responsabilidade, segurança, comprometimento integridade, credibilidade e dignidade.

Alguns dos serviços ofertados são:

- Arvorismo – Circuito de arvorismo, com tirolesa, ponte pênsil, falsa baiana, entre outros.
- Expedição do Cânion Preto – Rafting pela parte alta do rio Cubatão do Sul, feita em *duck*, são 14km e duração média de 4 horas.

⁹Entre os guias de uma operadora, é o líder, responsável pelo andamento geral da descida. Organiza o grupo, estabelece a ordem da descida, escolhe quais vias serão escolhidas, onde o grupo fará as paradas para descansar ou para combinar as coordenadas para a próxima corredeira. Este profissional toma as decisões em situações inesperadas, garantindo entrosamento nas ações da equipe de guias (MERKLE, 2002).

- Caminhada à cachoeira do rio Vermelho – Caminhada no parque estadual da Serra do Tabuleiro, até três cachoeiras, uma de 70 metros e duas de 30. De dificuldade média, e tempo de caminhada de 2 horas- ida e volta.
- Caminhada ao Pico do Tabuleiro – Caminhada até o topo do pico mais alto do parque estadual, o tempo de caminhada é de 7 horas- ida e volta, e dificuldade alta.
- Rafting para Todas as Idades – Passeio por corredeiras de classe II, por 3km, e duração de uma hora e meia.
- Rafting Radical – Favorito dos clientes, descida em botes de até 5 ou 7 pessoas, por 5km de rio, e duração de 2 horas.
- Rapel na cachoeira Ressurreição –. Cachoeira do Rio Forquilhas, com 35 metros de altura, ideal para iniciantes, a atividade tem duração aproximada de 3 horas.
- Voo livre – Em Santo Amaro da Imperatriz e em Florianópolis.

Além destes serviços, a operadora oferece programas de treinamento, de orientação vocacional e treinamento empresarial.

A empresa possui guias fixos, registrados, que atuam o ano inteiro; de temporada, que como o nome sugere, são contratados temporariamente, geralmente, entre novembro e março; e os *freelancers*, no caso, guias que geralmente possuem outro emprego, seja como guia de outra empresa ou qualquer outro emprego, mesmo que não relacionado ao rafting ou ao turismo, que na falta de guia para uma descida agendada, são chamados para compor a equipe durante aquele passeio.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Köche (1997) uma das finalidades da pesquisa bibliográfica é, dar base à construção de um modelo teórico, para que um problema possa ser explicado. Trata-se da fundamentação de um trabalho científico, através do conhecimento disponível.

Com este intuito, este capítulo iniciará definindo e caracterizando a Atividade Turística, na sequência o ecoturismo e o Turismo de Aventura e posteriormente o Rafting e trará informações sobre a classificação dos rios e as características dos rios mais adequados para a prática do rafting e por fim as Atribuições do Condutor estabelecidas pela legislação vigente.

Acredita-se que ao partir de conceitos gerais de turismo até as especificidades da prática do rafting como atividade turística, proporcionará maior entendimento da temática contribuindo para a discussão dos dados levantados.

1.1 ATIVIDADE TURÍSTICA

A primeira lei no país voltada ao turismo foi elaborada no final da década de 1930 e se posicionava em relação à autorização do Estado para a comercialização de passagens para modais aéreos, rodoviários e aquaviários.

Apenas depois de 38 anos, em 1966, surge o Sistema Nacional de Turismo, e são criados, o Conselho Nacional de Turismo (CNTur) e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), o primeiro com a função de criar diretrizes para o turismo no Brasil e a segunda para fiscalizar essas diretrizes, estimular e organizar atividade turísticas (ABETA, 2009b).

Mesmo assim, o desenvolvimento da atividade foi pequeno nas décadas subsequentes, em função, principalmente do período de vigência do regime militar (dec. 1960, 1970 e 1980), quando a intervenção do Estado e o enfoque predominantemente econômico para o turismo, impediram que se instaurassem princípios de livre-iniciativa e livre-concorrência, tampouco uma perspectiva de sustentabilidade da atividade sobre o patrimônio cultural e natural (ABETA, 2009b).

Buckley e Uvinha (2011) descrevem o turismo como atividade capaz de beneficiar as comunidades nas quais está inserido. O turismo integra o ambiente econômico, gera, para o local a valorização da própria cultura, ajuda na preservação do meio ambiente e, promove a criação e perpetuação de eventos/atividades culturais ou de outros gêneros.

Ainda, segundo estes autores, existem quatro verbos que definem as ações de um turista em seu destino, nos quais se baseia o funcionamento da atividade turística, conforme segue (BUCKLEY e UVINHA, 2011, s/p):

Trabalhar em turismo, nos seus vários segmentos e atividades correlatas, pode parecer complicado, mas é uma sequência muito objetiva de atos – trata-se de equacionar corretamente a articulação entre quatro verbos – comer, dormir comprar e visitar. Estes são os verbos que um passageiro conjuga ao chegar a seu destino, na medida em que se utiliza da oferta gastronômica (ele come fora de casa); da oferta hoteleira (ele dorme fora de casa); da oferta comercial (ele faz compras) e da oferta lúdico-cultural ou natural (ele vai visitar e conhecer o lugar). O que muda é a razão pela qual ele os conjuga: férias e lazer, negócios e eventos, visita a parentes, provar um prato ou bebida especial, praticar esportes, além de dezenas de outras razões [...].

Ao estudar a atividade turística, se faz importante compreender que esta pode influenciar de diferentes formas e movimentar o mercado local contribuindo para o desenvolvimento de outros setores da economia. Isto se deve à sua pluralidade, tanto de atrativos oferecidos, quanto do perfil dos visitantes que procuram os atrativos (BRASIL, 2010).

Uma vez que o turismo depende quase sempre de infraestrutura de apoio para que aconteça, ela é capaz de beneficiar a economia local ao usufruir da hospedagem, restaurantes e lanchonetes, transporte, consumir a produção local, que tem sua economia incrementada pelos turistas e recursos financeiros externos (BRASIL, 2010).

Entre as definições de turismo, que de modo geral discutem diferenças de conceito, há uma ideia central, levantada pela Organização Mundial de Turismo – OMT (2003), que propõe que o turista deve permanecer no destino “[...] por um período de tempo consecutivo inferior a um ano e mínimo de 24 horas [...] com fins de lazer, negócio e outros”. A OMT ainda acrescenta que o termo turismo, não abrange apenas as atividades realizadas por turistas em seu destino, mas também, aquelas realizadas no percurso, e as relações que surgem, em outros lugares que não são seu ambiente natural.

Os fatores que influenciam a oferta e a escolha por um setor do turismo pode variar podendo ser geográficos, culturais, entre outros. Diante desse complexo cenário, para sistematização do estudo do turismo, são criados os segmentos turísticos (BRASIL, 2010).

Como a oferta turística seria um objeto de estudo amplo e heterogêneo em determinadas situações, para um aprofundamento com relação às atividades promovidas por essas diferentes ofertas, adotou-se o método de segmentação para que o turismo seja entendido, estudado, planejado e gerido através desse prisma (BRASIL, 2006).

Seguindo a ideia de segmentação para aprimorar e aperfeiçoar aspectos da atividade, através de um planejamento adequado, Uvinha (2005) destaca entre os segmentos do turismo, o de negócios, de sol e praia, cultural, urbano e o de natureza. Dentre esses é o turismo de natureza, também chamado de turismo em áreas naturais, que está inserido o tema do presente trabalho.

O turismo em áreas naturais é um dos segmentos do turismo que mais cresce no mundo, de acordo com o Ministério do Turismo - MTur(2014), fato que já era identificado há nove anos, pelo trabalho “Marcos Conceituais”, também do MTur (2006), ao afirmar “hoje, os turistas buscam novas experiências aliadas ao contato com a natureza. Com essa busca, houve um crescimento da oferta de novos produtos de turismo”.

O posicionamento do Manual de Boas Práticas – Competências Mínimas do Condutor, apesar de estar tratando paralelamente do TA, tem uma abordagem válida para o entendimento do Turismo de Natureza (ABETA, 2009b, p.09), quando relata:

O Programa Aventura Segura mostrou que o Turismo de Aventura e Natureza, quando bem executado e gerido por todos os atores (públicos e privados) envolvidos, tem a capacidade de ser um vetor de desenvolvimento sustentável dos territórios/destinos. Isso ocorre por meio da organização social e institucional, do envolvimento da comunidade, da capacidade de liderança da iniciativa privada e, por consequência, da geração de emprego e renda que as ações propiciam [...] um vetor de desenvolvimento do bem, com ênfase na conservação da natureza e em atividades prazerosas – e igualmente responsáveis e seguras –, fazendo empresários, profissionais e turistas felizes.

O desenvolvimento dos centros urbanos, e as exigências do mercado de trabalho da organização social atual, faz com que surja a necessidade de fuga. Para

Aoun (2001) a respeito do turismo: “A movimentação das pessoas está relacionada a uma libertação do cotidiano, principalmente do trabalho, um escape do cenário urbano e industrial [...] bem como de neuroses e inquietações”.

Por ser grande tal movimentação, aos poucos muitos destinos tem deixado de atrair uma parcela dos turistas, por se tornarem massificados e padronizados, esse público insatisfeito passa então, a buscar novos destinos, menos desgastados pelo turismo de massa, dentre as alternativas encontradas por tal demanda, é que figura-se o turismo em áreas naturais (XAVIER, 2002)

Assim, em contraposição ao turismo de massa que é uma das atividades turísticas que mais degrada ambiente, o turismo em áreas naturais busca integrar a atividade turística à sustentabilidade e à conservação do ambiente natural ao qual estiver inserido (UVINHA, 2005).

Em destaque, entre as atividades do turismo em áreas naturais, estão o TA e o ecoturismo, nas quais se insere o rafting, por poder acontecer tanto em águas calmas onde é feita a observação e apreciação da natureza, quanto em corredeiras de nível de dificuldade razoável, mesmo quando voltada a atividade turística. A seguir uma abordagem sobre estes setores onde a prática do rafting pode ser inserida.

1.2 TURISMO DE AVENTURA E ECOTURISMO

Como um setor do turismo em áreas naturais, o ecoturismo algumas vezes é confundido com o Turismo de Aventura (TA). Trata-se, no entanto, de uma atividade parecida, que pode tanto fazer uso da natureza como incluir atividades/práticas do TA. Mas com a intenção de passar ao turista a ideia de cuidado com a natureza e do uso adequado de seus recursos.

Para Xavier (2002) o ecoturismo é instrumento para que se promova um desenvolvimento sustentável, havendo a necessidade de um planejamento onde sejam inventariados os atrativos, tanto naturais quanto culturais do local e uma estratégia baseada no potencial turístico de cada um desses.

Esse setor do turismo trata de passar ao turista o conhecimento do local, enquanto tem contato com uma ideologia de cuidados com a natureza e preservação dos bens naturais e culturais. Utilizado como proteção ao

desenvolvimento da economia local enquanto visa garantir a perpetuação de saberes regionais, melhorar a qualidade de vida dos locais e manter o que há de recursos naturais. Com esse intuito surgiram organizações e entidades (XAVIER, 2002).

A atividade que a princípio se voltava a aventureiros, estudiosos e cientistas, aos poucos se adapta e ganha uma roupagem mais suave, passando a ser mais abrangente quanto a sua demanda. Com a chegada de um novo nicho dessa demanda o ecoturismo é impelido a se adaptar a este, e a partir da década de 1990 tem algumas melhorias quanto ao atendimento ao público (SEABRA, 2001).

Enquanto num primeiro cenário o local era visitado por um aventureiro, ou um pesquisador que tinha determinado interesse, neste outro momento, o ecoturismo deve alcançar outros perfis de turistas, podendo, para isso, ser incluídos esportes e atividades utilizadas no TA.

Ambos, Turismo de Aventura e ecoturismo, promovem a sustentabilidade e devem contribuir para conservação do meio ambiente. Mas enquanto o segundo tem esses conceitos em foco, o alvo do primeiro é a emoção, propondo desafios a serem superados pelo turista, e é neste que se insere o objeto de estudo do presente trabalho, portanto os próximos parágrafos trazem um breve histórico do TA (ABETA, 2009a).

Comparado a outras práticas turísticas o TA é recente, especialmente no Brasil. Prova disso são as definições e conceituações que datam a partir da década de 1990, portanto, em processo de elaboração (ABETA, 2009a).

O surgimento do TA data das décadas de 1960 e 1970, quando temas ambientais foram amplamente discutidos no meio científico, a partir disso o assunto se tornou cada vez mais público, ganhando espaço e sensibilizando a sociedade em alguns países. Tais iniciativas geralmente defendiam a proteção dos sistemas ecológicos do planeta e cuidados com o meio ambiente (PIRES, 2002).

Apesar disso não se tem um marco preciso do início das atividades deste segmento no país, se trata de um conjunto de atividades e pequenos empreendimentos que surgiram de forma não integradas, em distintas localidades. Com isso em vista a ABETA e o Ministério de Turismo (MTur) no trabalho, Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil (2009a), apontam a década de setenta como data de surgimento das primeiras prestações deste serviço.

O mesmo trabalho aponta que após ECO 92 (Estocolmo – Suécia) as atividades em áreas naturais ganharam destaque, além de aumentar a procura pelo TA. No entanto, esse crescimento não foi proporcional no que se refere a infraestrutura de apoio neste segmento que, sem o devido controle abriu espaço para oportunistas, pessoas que não tinham conhecimento das técnicas necessárias para atuar e/ou não se preocupavam com o uso de equipamentos adequados e em bom estado de uso (ABETA, 2009a).

Como consequência, a partir de meados da década de 90 aumentaram os registros de acidentes envolvendo praticantes do TA, incorrendo na diminuição do interesse por estas práticas. Essa perda de credibilidade do segmento afetou não apenas os turistas em potencial, como também os já envolvidos neste ramo, principiando um período de decadência da prática e o esfriamento do setor (ABETA, 2009a).

Apesar do ano de 1995 ser historicamente considerado um marco do aumento de registros de acidentes com praticantes das modalidades incluídas nesse segmento, foi nessa mesma década, como resposta às ocorrências que surgem os primeiros Grupos Voluntários de Busca e Salvamento¹⁰ (GVBS). Nessa época os equipamentos para turismo em áreas naturais passaram a ser produzidos no Brasil, e as empresas de TA são formalizadas. Em 2004 é criada a ABETA, e, portanto, o processo de normalização do TA, que continua em andamento até a atualidade (ABETA, 2009a).

Swarbrook (2003, p.35) aponta o Turismo de Aventura como um fenômeno que:

[...] atrai uma proporção cada vez maior da população que está em busca de auto realização e prazer através da participação em atividades físicas e mentais estimulantes, viajando para destinos remotos ou participando de atividades de pura adrenalina como parte de suas expectativas turísticas.

Crescimento também apontado por Campello (2001), quando afirma que as atividades em áreas naturais tem se popularizado e esse público tem sido cada vez mais exigente em relação aos procedimentos de segurança, cumprimento das

¹⁰ É um grupo formado por voluntários cujo objetivo principal é responder a emergências, realizando busca e salvamento nos locais que estes grupos existem, geralmente onde já ocorre a prática do TA, com trabalhos de prevenção e treinamento, esse grupo atua também na prevenção de acidentes e em treinamentos em TA (BRASIL, 2005).

normas e capacitação do profissional que conduz a atividade de risco, mas ainda existem os indivíduos que não se atentam a esses fatos. Assim, ficam mais vulneráveis a acidentes, consequentes da falta de preparo da operadora, do profissional envolvido e do desgaste dos equipamentos utilizados.

De acordo com o Manual de Boas Práticas do Diagnostico do Turismo de Aventura do Brasil, da ABETA em conjunto com o MTur (2009), o crescimento do ecoturismo e do Turismo de Aventura provoca, de certo modo, impactos aos meios naturais, sendo necessária adotar práticas de mínimo impacto, combinando assim, turismo e conservação, com o respeito aos ecossistemas e também à qualidade da experiência obtida pelo visitante.

A respeito das atividades do TA, o MTur (2010), destaca as atividades que no ano de sua publicação apresentaram maior número de praticantes, dispondo os dados por porcentagem e em ordem decrescente, partindo das mais praticadas, esses dados foram adaptados o seguinte Quadro:

Quadro 1 – Atividades de aventura

| Porcentagem de Prática (%) | Atividades |
|-----------------------------------|---|
| 36 | Passeios de bugues e cavalgadas; |
| 31 | Caminhadas; |
| 20 a 30 | Tirolesa, mergulho (inclusive snorkeling) e canoagem ou caiaque; |
| 10 a 19 | Espeleoturismo (visitação de grutas ou cavernas), passeios em veículos 4x4, arvorismo, rafting, flutuação, quadriciclo, bóia-cross, cicloturismo e rapel; e |
| Menos que 10 | Canionismo, cachoeirismo, escalada, bungee jump, voo livre, paraquedismo, windsurfe, balonismo e kitesurfe |

Fonte: Adaptação de ABETA (2009a)

Nisto é visível que o rafting possui uma boa aceitação entre os aventureiros, do que atividades que podem ser mais conhecidas, como paraquedismo, voo livre e escalada.

Dependendo das condições naturais do trecho escolhido do rio, e da maneira de com que a atividade é realizada, o rafting pode estar mais próximo do ecoturismo ou então do TA.

Sendo um estudo de caso com foco nesta prática como atividade de aventura, abordará a seguir esta temática.

1.3 RAFTING

Mesmo sendo uma prática estrangeira o rafting encontrou lugar propício no Brasil, onde existem diversos rios que possuem um número relevante de corredeiras em trecho acessível, portanto, apropriados para a prática do rafting radical. Apesar da sua recente definição dentro do turismo nacional, é tratado com seriedade, pois se trata de uma atividade que envolve risco. Atualmente ocupa uma posição importante entre as práticas de Turismo de Aventura.

Para maior entendimento desta atividade como segmento do turismo e não do ecoturismo, este subcapítulo trará informações mais abrangentes, como a história do rafting, passando para os mais específicos, como as atribuições do condutor que é alvo da pesquisa.

A Confederação Brasileira de Canoagem – CBCa (2015) define canoagem como “[...]esporte praticado em canoas, caiaques e *wave-skis*, indistintamente, em mar, rio, lago, águas calmas ou agitadas.” Diferentemente rafting “[...] consiste na descida de rios em botes infláveis”, uma definição simples mas que contribui para diferenciar estas práticas.

De maneira mais detalhada, a operadora de turismo Lumiar Aventura (2015), afirma que “o rafting é a prática de descida em equipe por corredeiras, utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança” e por ser uma atividade segura pode ser praticada por qualquer idade, dependendo apenas do grau de dificuldade do curso da água e da vontade do praticante.

A história do rafting tem início na metade do século XIX, sendo utilizado por um tenente do exército americano, em expedições por trechos onde embarcações de madeira teriam sido destruídas ou viradas (CBCA, 2015).

Mesmo com relativo sucesso em corredeiras, hoje consideradas fortes, o rafting continuou de uso exclusivo do exército. Somente em 1869, 27 anos depois da aventura realizada pelo tenente, foi registrada a primeira viagem por corredeiras, expedição realizada por John Wesley Powel, no rio Colorado, nos Estados Unidos. Mais 27 anos, e Nataniel Galloway revoluciona a atividade com simples alterações na estrutura do bote, como colocar o acento virado para frente, favorecendo as manobras (ABETA, 2009c).

A atividade chegou a ser comercializada, isso se deu em 1909, por uma empresa denominada Julio Stone's Grand Canyon, mas ainda utilizando embarcações de madeira (CBCA, 2015).

O rafting ganhou forças novamente, como recurso do exército americano, no período das duas grandes guerras quando os pesados equipamentos de borracha serviram de botes salva-vidas. Ao final da 2ª Guerra, esses botes que acabaram ficando em desuso, tiveram novo destino, em posse de aventureiros por diversos rios da América do Norte.

Ao longo dos anos, novas tecnologias foram sendo criadas para a atividade, mais precisamente para o bote, que nas décadas de 1980 e 1990 recebe um fundo auto-esvaziante (AE), e logo o piso passa a ser inflável (ABETA, 2009c).

No Brasil o rafting é ainda mais recente. Surge depois da canoagem, na década de 1980, com a criação da empresa TY-Y Expedições, no município de Três Rios, no estado do Rio de Janeiro, no rio Paraíba do Sul e posteriormente no rio Paraibuna (MARCHI e MEZZADRI, 2003).

Somente na década seguinte é criada a primeira empresa especializada em rafting no país, denominada Canoar Rafting & Expedições, operando no rio Juquiá, em São Paulo, na cidade de Juquitiba. Esta inovou a atividade (no Brasil) ao criar a modalidade, onde cada praticante recebe um remo individual, que é a estrutura mais comum atualmente (BROTASONLINE, 2015).

1.3.1 Equipamentos

As informações sobre equipamentos, que constam neste subcapítulo, foram retiradas da apostila de curso de rafting, de Merkle (2002).

Vários itens fazem parte dos equipamentos necessários para a prática do rafting, que foram sendo padronizados com o passar do tempo, esses padrões são importantes para que a atividade seja mais controlável e segura. Alguns deles serão descritos a seguir.

1.3.1.1 Coletes

Os coletes usados para esta prática desportiva precisam ser resistentes em seus fechos, costuras e tecido, visto o uso intensivo ao qual são submetidos. Além disso, movimentos como o de puxar um indivíduo de dentro da água para dentro do bote, exigem ainda mais do equipamento.

O equipamento de segurança pessoal, serve para que o indivíduo que o utiliza, ganhe flutuabilidade. Portanto, o colete disponibilizado aos passageiros é maior que o colete utilizado por guias, e a maior parcela do material flutuante esta na parte frontal, o que facilita a flutuação com face para fora da água.

Coletes feitos para guias possuem algumas diferenças. A flutuabilidade é menor, o que permite maior mobilidade dentro e fora da água. Possui bolsos onde ficam equipamentos importantes para o profissional como: mosquetão, polia, faca etc. além da cinta onde fica o cabo de resgate.

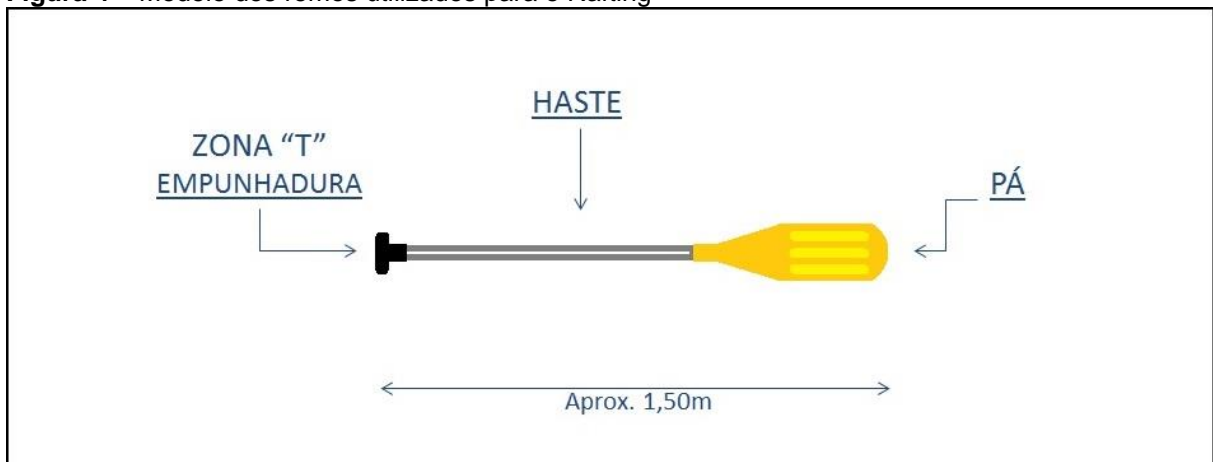
1.3.1.2 Capacete

Além da utilidade de proteger de pedras, galhos e outras superfícies sólidas, o capacete protege o indivíduo do seu próprio remo, e dos remos dos demais tripulantes, que podem ser projetados involuntariamente contra este e de cabeçadas quando o bote é agitado ao transpor uma corredeira.

1.3.1.3 Remo

Semelhante aos utilizados em canoas, os remos possuem pás, haste e a empunhadura que é chamada de região "T" pelo seu formato, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Modelo dos remos utilizados para o Rafting



Fonte: Adaptação de Merkle (2002)

Para utilização deste item, o remador deve estar corretamente posicionado no bote, sentado na borda e com o pé encaixado ao finca pés, se estiver na lateral direita da embarcação, sua mão direita segurará a haste do remo e a esquerda segurará a empunhadura, assim a pá é projetada sempre para fora do bote, por questão de utilidade e também de segurança. A região "T", que é a empunhadura, fica para dentro do bote, por isso é causa da maior parte dos acidentes com remos, a orientação é que nos movimentos onde é necessário soltar uma das mãos do remo para segurar o cabo lateral, que solte-se a mão da haste para isso, enquanto a outra permanece segurando a empunhadura

1.3.1.4 Saco de resgate

Saco que guarda o cabo de resgate. Geralmente, são utilizados dois tipos de saco de resgate, um para o guia, uma cinta que guarda o cabo de 12 a 15 metros, outro para a tripulação, levado dentro do bote, este saco porta um cabo de 20 a 25 metros. As instruções sobre o uso do cabo em um eventual resgate e, de como o resgatado deve segurar o cabo de segurança, costumam ser passadas ainda em terra, antes da descida, pela equipe de guias.

1.3.1.5 Roupas de neoprene

Utilizadas em dias frios, essas roupas são feitas para controlar a perda de temperatura principalmente dentro da água. Operadoras de regiões frias devem disponibilizar este tipo de roupa, em diferentes tamanhos para seus clientes, além de capas de nylon, que também servem para estabilizar a temperatura corporal, mas principalmente fora da água.

1.3.1.6 Bote

A embarcação utilizada para as decidas, além de desenhada para transpor corredeiras, geralmente com popa¹¹ e proa¹² simétricas, também tem partes desenvolvidas para a segurança dos tripulantes, destas o autor destaca duas, descritas a seguir.

O cabo lateral, este cabo circunda o bote, e serve para que o indivíduo se segure para se equilibrar ao transpor uma corredeira, e no caso de queda, segurar-se ao cabo impede que este se afaste da embarcação, além de auxiliar no momento de subir no bote.

Importante para o equilíbrio o finca pés, tem forma de concha e é colado ao piso do bote, para que o indivíduo encaixe um dos seus pés para se firmar, evitando quedas para fora do bote.

1.3.2 Rios adequados para rafting

Neste item serão listados alguns rios adequados para a prática deste esporte, os quesitos principais para seleção dos rios são três, fácil acesso ao turista/praticante; possuir várias corredeiras em um trecho pequeno; e oferecer infraestrutura adequada, ou seja, instalações, e serviço operacional disponível. Nesta lista, não devem constar os rios utilizados unicamente para passeios de observação, por não fazerem uso de descida em corredeiras.

¹¹ Parte traseira do bote.

¹² Parte frontal do bote.

Na sequência listam-se os rios dentro de cada estado e entre parênteses o(s) município(s) onde a atividade é operada, levantados por Trilhas e Aventuras(2015), seguem:

- Bahia
 - Rio de Contas (Itacaré)
 - Rio do Limão (Mata São João – Costa do Sauípe)
 - Rio das Fêmeas (São Desidério – Barreiras)
- Espírito Santo
 - Rio Jucu (Domingos Martins)
- Goiás
 - Rio das Almas (Pirenópolis)
 - Rio do Peixe (Pirenópolis)
- Mato Grosso
 - Rio Tenente Amaral (Jaciará)
- Minas Gerais
 - Rio das Velhas (Uberlândia)
 - Rio Capivari (Lavras)
 - Rio Jaguari (Extrema)
- Paraná
 - Rio Cachoeira (Antonina)
 - Rio Iapó (Castro)
 - Rio Iguaçu (Foz do Iguaçu)
 - Rio Tibagi (Tibagi)
- Rio de Janeiro
 - Ribeirão das Lages (Piraí)
 - Rio Macaé (Casimiro de Abreu)
 - Rio Piraí (Barra Mansa)
 - Rio Preto (Visconde de Mauá)
 - Rio Mambucaba (Angra dos Reis)
 - Rio Paraibuna (Três Rios)
 - Rio Paraíba do Sul (Sapucaia)
- Rio Grande do Sul

- Rio Caí (Gramado/Nova Petrópolis)
- Rio Carreiro (Bento Gonçalves)
- Rio das Antas (Nova Pádua)
- Rio Guaporé (Encantado)
- Rio Paranhana (Três Coroas)
- Rio Santa Cruz (Gramado)
- Santa Catarina
 - Rio Cubatão do Sul (Santo Amaro da Imperatriz)
 - Rio Itajaí-Açu (Ibirama/Apiúna)
 - Rio Itajaí-Açu (Lontras/Ibirama)
 - Rio Hercílio (Rafael/Ibirama)
 - Ribeirão Neisse/Rio Benedito/Rio Itajaí-Açu (Indaial)
- São Paulo
 - Rio Jacaré Pepira (Brotas)
 - Rio Paraibuna (São Luís do Paraitinga)
 - Rio do Peixe (Socorro)
 - Rio Pardo (Caconde)
 - Rio Juquiá (Juquitiba)
 - Alto Juquiá (Juquitiba)
- Tocantins
 - Rio Novo (Jalapão)

Vale lembrar que esta lista é encontrada em diferentes fontes, e as informações nelas contidas, mais precisamente os rios listados, geralmente divergem. Esta foi eleita pela proposta do autor da mesma, de considerar os rios que possuem corredeiras suficientes para a prática do rafting como atividade de aventura, por estar esta em foco nesta pesquisa. Pode haver outros rios adequados que não foram incluídos, mas esse fato faz evidenciar ainda mais, o que tantos nomes de rio pretendem afirmar, que o Brasil é rico em corredeiras, e tem grande potencial para a atividade em pauta, o rafting.

Baseado principalmente na aceitação do público em relação a esses destinos, o TripAdvisor (2015) destaca alguns empreendimentos que oferecem pacotes de rafting ao público como: Alaya e Território Selvagem Canoar, ambas em Brotas – SP, no rio Jacaré Pepira; Brasil Raft Park, em Três Coroas – RS, no rio Paranha; Rafting

no Rio Iguaçu, em Foz do Iguaçu; e ainda a Ativa Rafting, nos municípios de Itacaré – BA, Paraty – RS.

Cada rio com características próprias, da dificuldade e incidência de corredeiras, as operadoras e seus condutores devem estar preparados para as condições do rio onde operam, para que nivelamento do grau de dificuldade de cada um, existe um modelo de classificação, conforme explana o próximo subcapítulo.

1.4 CLASSIFICAÇÕES DOS RIOS

Os rios são classificados em níveis de dificuldade, isso proporciona ao praticante uma noção prévia de como é o rio. Informação útil quando há a intensão de conhecer um novo rio, pois facilita o entendimento e o uso de corredeiras tanto por empresas que comercializam o passeio como para os competidores.

Apesar de algumas variações regionais, devido a maneira de interpretar o rio, em outras palavras, uma mesma corredeira pode ser considerada de determinado nível para uma empresa local que opera no rio, e de outro nível para um praticante que vem de outra região, isso por que os rios são bem peculiares, e as características que compõe sua dificuldade são diversas (MERKLE, 2002).

Vale ressaltar que um rio não possui uma única classificação, as corredeiras é que recebem a classificação, e pela classe predominante entre as corredeiras percorridas durante a descida, é dada uma classificação genérica ao rio.

A classificação utilizada no Brasil é a mesma adotada pela Federação Internacional de Rafting (IRF) e segue um mesmo padrão no mundo todo. “Ele leva em conta que os rios variam de fluxo e de comportamento. Um rio classe 2 pode ocasionalmente virar um classe 4, depois de intensas chuvas” (ABETA, 2009c).

O Manual de Boas Práticas do Rafting, produzido pela ABETA em parceria com o MTur (2009), classifica as corredeiras da seguinte maneira:

Quadro 2 – Classificação de corredeiras IRF

| Nível de dificuldade | Descrição |
|----------------------|--|
| Classe I (Fácil) | Fluxo de água com pequenas ondas, mas desobstruído e sem dificuldades técnicas. Bom para iniciantes. |

| | |
|------------------------------------|---|
| Classe II (Moderado) | Corredeiras diretas, com linhas de descida claras e evidentes, sem a necessidade de reconhecimento. Remansos e ondas estouradas podem ser fortes, mas ondas, pequenos obstáculos e outras obstruções menores podem ser evitadas. Bom para iniciantes. |
| Classe III (Difícil) | Corredeiras com ondas moderadas e irregulares, que podem ser difíceis de evitar. Ondas, refluxos e dificuldades técnicas são maiores. Pode haver saltos e grandes obstruções. O principal fator de diferenciação dessas corredeiras é que o remador terá que buscar e reconhecer uma linha de descida para evitar obstáculos e perigos. Os condutores necessitam ser adequadamente qualificados. |
| Classe IV (Muito difícil) | A linha de descida pode não ser facilmente identificada e irá geralmente exigir cuidadosa inspeção, desde o bote até a margem do rio. Corredeiras intensas, poderosas, mas previsíveis, são mais abundantes e poderão conter grandes ondas, quedas, refluxos e outras obstruções. A classe 4 está presente em uma ampla variedade de rios, desde aqueles com corredeiras curtas e grandes quedas, como naqueles com corredeiras em sequência e extensas, portanto há uma enorme variação na dificuldade. Genericamente, quanto maior a continuidade do fluxo de água, menos frequentes são os remansos para parar e ter espaço para estabilizar. Os condutores devem ser adequadamente qualificados, o que significa terem nível de especialista. |
| Classe V (Extremamente difícil) | Corredeiras extremamente difíceis, com rotas que demandam grande precisão e técnica para serem transpostas. Refluxos, correntezas e ondas serão poderosas, e é essencial um reconhecimento prévio. Quando operadas comercialmente, os condutores precisam ser certificados como especialistas. |
| Classe VI (Extremo) | Todos os anteriores levados ao extremo. As corredeiras são normalmente intransponíveis, sendo possíveis de transpor apenas em condições específicas. |

Fonte: Adaptação de ABETA (2009c)

Após as informações básicas a respeito das características da corredeira, a ABETA faz observação quanto à capacitação do praticante ou das exigências para o condutor para o uso comercial. O que revela a intensão de proporcionar dados úteis, tanto para uma empresa que ingressa/atua no ramo e seus condutores, como para praticantes e até para competições.

No rafting competitivo, basicamente deve haver um guia e cinco a sete canoístas, estes atletas devem remar em sincronia, descendo pelo rio, por um trecho que varia entre dois quilômetros e meio e seis quilômetros, no menor tempo. Além da modalidade de descida, há a de resgate, que ocorre em um trecho de trezentos a seiscentos metros, realizando tarefas de resgate, outra é a chamada *Slalom*, realizada circulando algumas barreiras, geralmente com a mesma distância da competição anterior (MARCHI e MEZZADRI, 2003)

Como propõe a ABETA (2009a), o rafting, como atividade do ecoturismo ou do TA, deve promover uma harmonia das pessoas como sociedade e desses para com a natureza, contemplando o que é patrimônio cultural/humano e o que é natural, promovendo ética de todas as partes envolvidas, a comunidade local, empresa receptiva e turista, fazendo da atividade um recurso sustentável, que gere divisas e que favoreça a preservação do ambiente ao qual estiver inserida, tanto natural como humano.

Ao praticar o rafting, de acordo com a CBCa (2015), os turistas se deparam com um quadro onde solidariedade, união, liderança e trabalho em equipe vêm a tona, pois é uma prática em equipe. Para que essas qualidades, sejam ainda mais evidenciadas, é primordial que o condutor seja exemplo em todas elas e saiba transmiti-las ao grupo, um dos motivos que torna este profissional tão importante para o sucesso da atividade. Esse profissional em suas atribuições é tratado no subcapítulo seguinte.

1.5 ATRIBUIÇÕES DO CONDUTOR

De acordo com Merkle (2002), em cada bote colocado no rio para se realizar a descida (fazer o passeio) deve ir no mínimo um profissional, que conhece o rio, como também as técnicas de condução do bote, já que assim como outras embarcações esta necessita de um leme, que é o que dá direção durante o trajeto. Geralmente esse indivíduo se posiciona na parte traseira do bote do lado esquerdo ou direito com um remo ou no centro com dois remos fixos, cada um com suas particularidades, dependendo na maioria das vezes do rio e não da preferência do condutor, mas essas são questões que vão além da proposta do trabalho.

Importa que se entenda que o profissional deve conduzir a embarcação durante a atividade, portanto se trata de um condutor (ABETA, 2009b). Mesmo com esse conhecimento, este trabalho poderá fazer uso do termo guia de rafting, pelo fato de a empresa em estudo adotar esse termo para denominar seus profissionais, tanto condutores quanto *safety*, em todo caso entenda-se por condutor.

O Manual de Boas Práticas que trata das competências mínimas do condutor traz o seguinte conceito para condutor “profissional que conduz um cliente ou grupo de clientes nas atividades de Turismo de Aventura” (ABETA, 2009b, p.20). O mesmo

trabalho define como competência a “capacidade de mobilizar, desenvolver e aplicar conhecimentos, habilidades e atitudes no desempenho do trabalho e na solução de problemas, para gerar os resultados esperados”. Assim a competência é o resultado da soma experiências com conhecimentos das questões que envolvem a atividade, que se traduz nas atitudes do indivíduo.

Assim, quando a ABETA (2009b) define o que é competência, não propõe cursos e certificados obrigatórios, mas sim que deve ser capaz de solucionar problemas e proporcionar os resultados esperados, que é o sucesso da operação. Ao interpretar essa afirmação, é possível considerar que certificações são importantes para o profissional atuante, mas que este não é o único meio deste se tornar um capacitado.

Por certificação, treinamento, experiência comprovada e/ou outro meio, pelo risco da atividade, por ser uma atividade em grupo onde a segurança desse grupo é confiada ao condutor do bote e ao *safety* que acompanha a operação, que ocorre comumente em trechos de difícil acesso, onde a comunicação móvel pode não estar disponível, limitando a agilidade de um resgate externo, seja por corpo de bombeiros ou por membros da equipe que não estejam no rio no momento, é importante que a atividade seja planejada e operada por profissionais qualificados para tal, para isto é importante haver seriedade e profissionalismo por parte da operadora, ao compor a equipe de trabalho, observando o comportamento desta para que cumpra com excelência seu trabalho, garantindo a segurança dos seus clientes (UVINHA, 2005).

Para Cândido (2003, p.146) a experiência obtida na prática de uma atividade de aventura, depende, além da atividade, do ambiente onde a atividade ocorre, do praticante e dos profissionais responsáveis pela operação, quando afirma que o TA é:

Uma ampla variedade de atividades turísticas de aventura, geralmente comercializadas, envolvendo interação com o meio natural, contendo elementos de risco em que o resultado é influenciado pelo participante, pelo local e pela gestão profissional da experiência dos turistas.

Afirmção que revela a importância do cuidado com cada operação, vez que proporcionar uma aventura, onde o participante é ser desafiado fisicamente, psicologicamente e/ou experimenta a adrenalina, não é a única variável para o sucesso da atividade, a empresa deve se atentar ao ambiente onde a atividade se

insere e à capacitação de seus condutores, tanto para passarem ao cliente confiança, como também, descontração e tranquilidade.

Entre os principais cursos existentes para a atuação em águas correntes, está o estadunidense Rescue3International. Oferecendo diversos cursos de resgate em água, intitula-se líder em resgates do gênero desde 1979, tem a missão de, através de treinamentos pessoais e empresariais, preparar o profissional para enfrentar enchentes, e águas correntes, com ênfase em maneiras de impedir que o resgatador se torne vítima (RESCUE 3, 2015).

É estimado que mais de 150 mil estudantes passaram pelo treinamento Rescue 3 nos Estados Unidos e em outros 32 países. Tem o interesse em oferecer aulas praticas, onde o aluno tenha que encarar as situações reais. Entre os instrutores são encontrados paramédicos, bombeiros, oficiais da lei, membros de equipes de resgate, também guias de rafting e militares, todos com a vocação de salvar vidas e ensinar outros a fazerem o mesmo (RESCUE 3, 2015).

Alguns dos cursos ofertados são pela Rescue3 (2015), são:

Quadro 3 – Cursos Rescue 3

| Curso | Descrição | Investimento (dólar) |
|---|---|-----------------------------|
| Introdução: Resgate Água & Corda | Curso teórico de 8h que introduz aos problemas associados a cordas e água, e alguns procedimentos para reagir a uma enchente, um desastre de larga escala e situações em um rio de água corrente. | 85 |
| Primeiro Básico em Água | De 8 a 10h de curso voltado aos conhecimentos básicos para equipes que trabalham em lagos ou rios que não transbordam. 4 horas de aula teórica outras quatro de aula prática na água. | 190 |
| Operações: Primeiras Respostas em Água Corrente | Este curso é projetado para fornecer aos alunos tanto um conhecimento teórico e prático dos princípios básicos de resgate em água corrente. A classe inclui um dia de aulas teóricas e um dia de prática de exercício campo | 315 |

| | | |
|---|---|-----|
| Técnicas de Resgate em Água Corrente Unidade 1 | É o curso mais popular, proporciona os fundamentos de sobrevivência em água corrente e é recomendado para qualquer um que possa ser chamado para atuar em um resgate em água. Onde são estudadas as classificações de rios, hidrologia, posicionamento adequado em cada situação. Aulas práticas com os fundamentos do auto resgate, nado em águas correntes, resgates com e sem o uso de botes. Ainda podem tratar da introdução à condução do bote, e fundamentos de resgates com corda, com mecanismos de vantagem como o sistema de âncora. | 425 |
| Técnicas Avançadas de Resgate em Água Corrente | Continuação da unidade 1 do curso. Dura cinco dias e meio, sendo de 4 a 6h de instruções em sala, o restante aulas práticas. Requer certificado em “Técnicas de Resgate em Água Corrente Unidade 1” e “Técnicas de Resgate com Corda”. | 425 |
| Técnicas de Resgate com Corda | Curso voltado ao uso de técnicas com cordas para resgates, principalmente resgates verticais. | 700 |

Fonte: Adaptação de Rescue 3 (2015) (tradução do autor)

Esses são apenas alguns dos cursos ofertados, existem cursos voltados ao resgate em água, alguns deles estão no Quadro anterior; cursos de resgate em gelo; técnicas de resgate, como salvamento de animais, operações em prédios, técnicas de resgate com corda; resgates com bote; além de cursos para trabalhadores de indústrias; e cursos de qualificação e treinamento de instrutores (RESCUE 3, 2015).

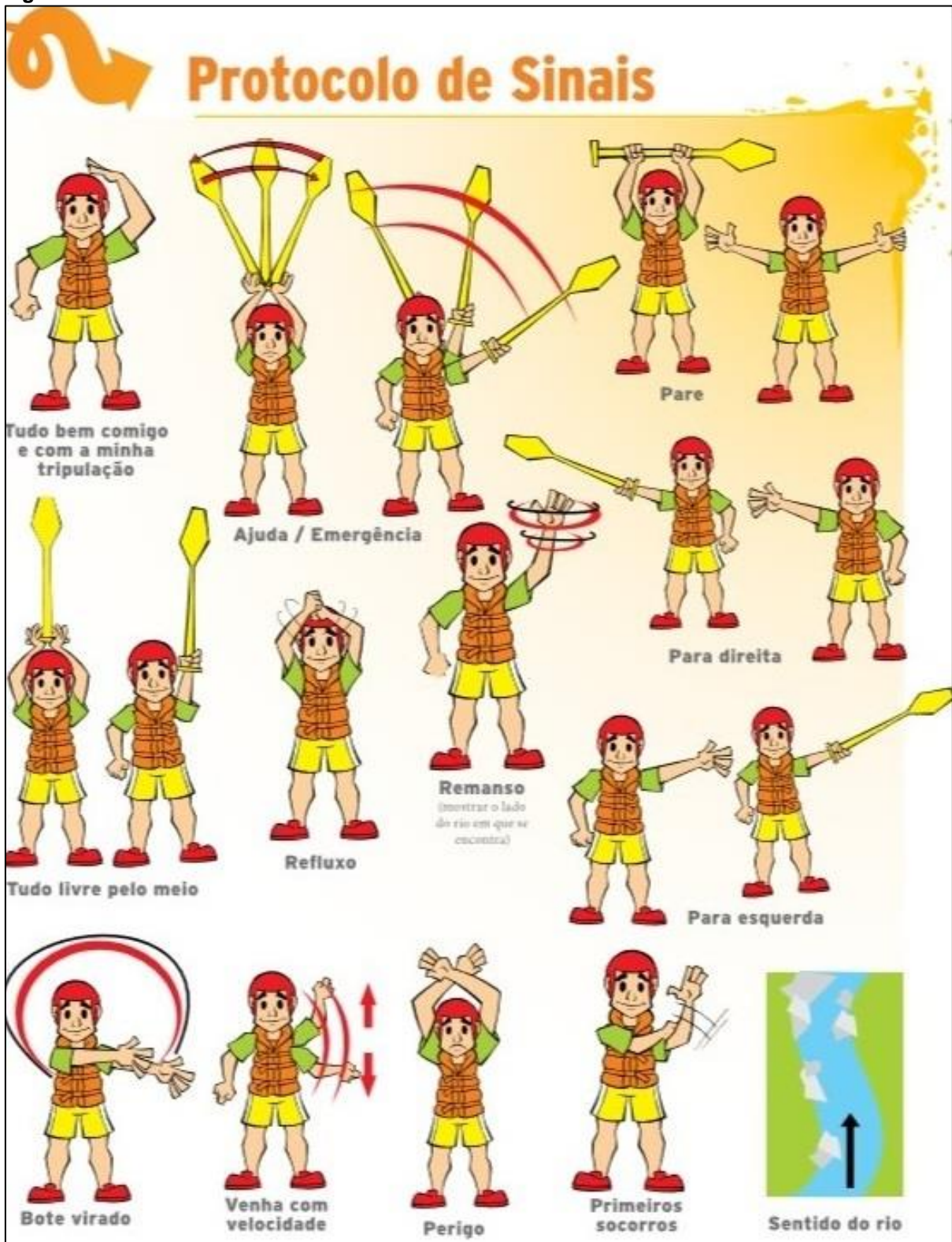
Outros exemplos de certificados são:

- Certificado Internacional de Guia de Rafting
- Cursos de Primeiros Socorros
- Curso de Socorrista em Área Remota
- Curso de Competências Mínimas do Condutor
- Condutor de Turismo de Aventura
- Certificado de Busca e Salvamento – GVBS

Além destes existem treinamentos realizados por empresas, em alguns casos são cursos certificados em outros não, como é o caso da Raft Adventure que entre os guias atuantes existem os que possuem certificações internacionais de guia, mas também os que não possuem, ambos participam de treinamentos periódicos de procedimentos operacionais e atuam como condutores (RAFT, 2015).

O profissional que atua no rio deve estar preparado para diversas situações, na maioria delas a comunicação é dificultada pela distância, ruídos característicos do rio e obstáculos visuais, para tanto existe uma comunicação específica para esta prática do turismo de aventura, conforme mostra a ilustração a seguir (Figura 5):

Figura 5 – Protocolo de sinais



Fonte: ABETA (2009c)

Esses são alguns dos sinais para a comunicação no rio, existem ainda outros, sendo importante que o profissional conheça todos, e esteja apto para fazer uso destes.

Já a comunicação com os clientes do bote é feita de maneira verbal, o condutor passa à tripulação, em alto e bom som, os comandos a serem executados, conforme a ABETA (2009c) estes comandos são:

- Frente – toda a equipe deve remar à frente, de forma sincronizada.
- Ré – todos devem remar a ré, de forma sincronizada.
- Esquerda ré – o lado esquerdo do bote deve remar a ré e o lado direito deve remar à frente.
- Direita ré – o lado direito do bote deve remar a ré e o lado esquerdo deve remar à frente.
- Parou – todos devem parar de remar, colocando o remo no colo, sem soltar a empunhadura.
- Segura – todos seguram na corda (por cima do remo) e deslocam o corpo para dentro do bote.
- Piso – todos devem sentar no piso do bote e segurar a corda.
- Peso acima – todos devem ir para o lado do bote que está subindo (normalmente onde está o obstáculo).
- Peso à direita – toda a equipe deve deslocar seu peso para o lado direito do bote.
- Peso à esquerda – toda a equipe deve deslocar seu peso para o lado esquerdo do bote.
- Peso à frente – toda a equipe deve deslocar seu peso para a proa do bote.
- Peso atrás – toda a equipe deve deslocar seu peso para a popa do bote.

Os comandos verbais costumam ser ensinados aos clientes, ainda em terra, ou então, logo ao entrar no rio, num trecho de águas calmas, onde tais comandos podem ser praticados antes de iniciar a descida.

Os assuntos levantados aqui objetivaram contextualizar o trabalho ao tema proposto. Com dados importantes para o entendimento das informações levantadas através da pesquisa de campo, que são abordadas e discutidas no capítulo que segue.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer deste trabalho foram levantadas informações a respeito das atribuições do condutor e do próprio Turismo de Aventura, seguindo as diretrizes traçadas pela ABETA buscando entender qual o ideal para uma atividade de aventura, e o que torna um condutor qualificado.

Os resultados que revelam a dinâmica da operadora pesquisada serão projetados, para que seja possível visualizar qual a capacitação dos seus condutores, quais as certificações necessárias para operar como condutor na empresa e se isso confere com a expectativa da ABETA quanto às certificações do condutor, além de verificar se a prática está em consonância com as diretrizes estabelecidas pela ABETA.

Os resultados também tratam de dados referentes à experiência profissional do condutor que atua na empresa em estudo, assim como verificam o procedimento adotado pela mesma, para comprovar a qualificação de seus condutores. Resultados que deverão mostrar se há coerência entre a expectativa do contratante e o perfil do contratado.

Como já apontado na metodologia, o questionário entregue aos condutores, em sua primeira parte, buscou perceber a experiência profissional e a certificação de um condutor de rafting.

A primeira questão tratou do tempo de trabalho do entrevistado como guia de rafting profissional, cujas respostas foram bem variadas, desde condutores que estão participando de sua primeira temporada no rafting, até guias com vários anos dedicados à esta atividade turística.

No período que compreende esta pesquisa a empresa possuía três condutores registrados, um com 13 anos, outro com 12 e o outro com 3 anos de experiência; dois contratados para a temporada, com 5 e 6 anos de experiência e dois condutores *freelancer* com 3 e 1 ano de experiência. Sendo possível perceber a relação entre o tempo de trabalho e o vínculo empregatício.

Outra pergunta do questionário, sobre o número de empresas em que cada um dos guias trabalhou, revelou número alto de prestação de serviços temporários nesta atividade turística que esta relacionado com o períodos de início e final de ano.

Entrevistados mais experientes por tempo de trabalho, um com doze outro com treze, ambos trabalharam em vinte operadoras e o que tem menor tempo de

trabalho, atuou apenas em duas. Já para os condutores de três e seis anos de experiência o resultado é divergente, tendo um atuado em duas empresas e outro em dez, respectivamente. Para explicar tal divergência, levanta-se a seguinte hipótese: a diferença entre as informações pode estar associada a outro fato levantado pela pesquisa, o vínculo com a operadora. O condutor registrado tem sua posição garantida entre a equipe, enquanto o que é contratado temporariamente não tem a mesma garantia, podendo ser convidado ou não para compor a equipe a cada nova temporada.

No que se refere à qualificação exigida na seleção de um condutor e como esta é comprovada, a proprietária informou que o guia deve possuir: curso de Rescue 3; de Primeiros Socorros; de Condutor de Turismo de Aventura; e ainda, o diploma de Condutor de Turismo de Aventura emitido pela ABETA no programa “aventura segura”.

A comprovação dos certificados tem por base o reconhecimento do curso. O Rescue 3 é um curso reconhecido pela Federação Internacional de Rafting (IRF), portanto, é válido para confirmar que o profissional, tem conhecimento das técnicas necessárias de resgate em água. Bem como o certificado de condutor do TA deve ser reconhecido pela mesma instituição, a saber, a IRF. E o certificado de primeiros socorros é reconhecido pelo corpo de bombeiros, devendo estar atualizado.

Todos os sete guias da empresa declararam possuir o certificado Rescue 3 de resgate em águas brancas. Outros certificados citados nos questionários foram: Primeiros socorros, Competências mínimas do condutor, Rafting, Resgate avançado em águas brancas (também da Rescue 3), Guia em treinamento pela IRF e Coordenador de Busca e Salvamento – GVBS.

Os dois guias que prestam serviços à empresa como *freelancer*, não possuem o curso de primeiros socorros. O que leva a algumas questões: não seria este curso obrigatório nesta profissão? Não seria um dos requisitos mínimos para trabalhar na empresa?

Entretanto, de acordo com o que foi observado em campo, em cada operação a empresa escala ao menos um profissional com mais experiência, que acompanha os menos experientes. Desta forma garante a qualidade da atividade e possibilita aos profissionais mais novos na área as vivências que ajudam a tornarem-se capacitados.

Além disso, este cuidado foi observado durante a pesquisa de campo na Apuama Rafting, a qual proporcionou aos seus dois mais novos guias, o treinamento Rescue 3 de resgate em águas brancas, lecionado por um profissional autorizado pela empresa especializada em treinamentos de resgate, que foi até o município e ministrou o curso com atividades práticas no próprio rio onde os alunos atuariam.

Os dados obtidos através dos questionários mostram que os guias que prestam serviço na empresa Apuama Rafting são profissionais que possuem uma formação coerente com a atividade que exercem e buscam atualização. É possível verificar que os condutores com mais anos de trabalho na área, e número de empresas trabalhadas, portanto, maior experiência, também são os que apresentaram uma quantidade maior de certificados e diversidade de cursos.

Quando questionados sobre o que lhes torna capacitado para o trabalho que executam dentro do rafting, entre as certificações que possui ou a experiência como condutor, os entrevistados foram unânimes, afirmando que foi através da experiência, da prática em operações de rafting que se tornaram capacitados para a atividade. Porém dois deles optaram por assinalar paralelamente as duas alternativas, o que dá a entender que consideram sua experiência como condutor tão importante quanto suas certificações. Além das duas alternativas ainda havia uma terceira, para o caso de o entrevistado entender que obteve capacitação por alguma via diferente do que foi cogitado pelo pesquisador, entretanto esta alternativa permaneceu em branco nos sete questionários.

Assim, a partir da correlação entre informações levantadas na fundamentação do trabalho e a análise feita sobre a resposta à questão cinco, a qualificação pode ser traduzida na soma de experiências e certificações, desde que estejam, de alguma forma, relacionadas à prática do rafting.

O fato de possuir em seu quadro fixo os dois profissionais com maior experiência e certificação demonstra a preocupação da empresa com a qualidade do serviço prestado.

No final da primeira parte do questionário, estava a única questão discursiva: para você quando uma operação é bem sucedida (no rafting)?

Foram essas as respostas obtidas:

ENTREVISTADO 1 – Quando tudo transcorre com harmonia no trabalho de equipe e na satisfação do cliente, sem acidentes ou incidentes.

ENTREVISTADO 2 – Quando os participante (pax) saem felizes e falantes da descida querendo retornar.

ENTREVISTADO 3 – Quando a equipe está unida, bem preparada e aplicando o Sistema de Gestão de Segurança (SGS), levando os clientes a terem uma experiência divertida e única!

ENTREVISTADO 4 – Quando a equipe está bem treinada e colocando em prática o SGS e os clientes saindo satisfeitos.

ENTREVISTADO 5 – Contentamento dos clientes dentro do limite de segurança.

ENTREVISTADO 6 – Quando tudo que está programado acontece da melhor forma possível.

ENTREVISTADO 7 – Quando todos clientes voltam satisfeitos da atividade e os guias felizes com o bom andamento da atividade.

Em suas respostas, seis dos sete entrevistados fazem menção ao cliente, mostrando que o sucesso de cada descida, depende da percepção do grupo de visitantes que participou dela. Para esclarecer esse entendimento, citam-se aqui algumas de tais menções, “satisfação do cliente”; “saem felizes [...] querendo retornar”; “[...] levando os clientes a terem uma experiência divertida e única”; “Contentamento dos clientes [...]”; e mais uma vez, “os clientes saindo satisfeitos”.

Ao afirmar a importância da satisfação do cliente, a equipe reflete a afirmação feita pela ABETA (2009a), de que o alvo do TA é proporcionar emoção e desafios a serem superados pelo turista.

Outro aspecto que ganha destaque é a importância do trabalho em equipe, que aparece em três respostas, em uma delas tratando da harmonia do trabalho de equipe, noutra a união entre os colaboradores e ainda que a equipe esteja bem treinada. Entre as respostas ainda houve outra voltada à equipe, mas numa perspectiva de satisfação dos colaboradores com o trabalho realizado.

Também foi abordada a necessidade de garantir segurança durante o passeio, quando dois dos entrevistados abordam a preparação da equipe de trabalho onde sejam aplicadas as práticas de segurança no rio, outro afirma que devem ser respeitados os limites de segurança. Ainda outro relata que uma operação bem sucedida é resultado de uma descida segura, feita por profissionais bem treinados, isto é, que não ocorram acidentes ou incidentes.

Constatou-se que a descida bem sucedida na visão dos condutores, esta em conformidade com as exigências propostas pela Confederação Brasileira de Canoagem quando faz menção de união, liderança, trabalho em equipe e da importância de que o profissional que conduz a atividade saiba transmitir cada uma destas ao grupo.

De acordo com a ABETA (2009b), o profissional competente deve ter a capacidade de mobilizar, desenvolver e aplicar conhecimentos e habilidades, ao desempenhar o trabalho e também solucionar problemas para que sejam gerados os resultados esperados.

Como visto nas respostas dos condutores, o resultado esperado é que não ocorram acidentes ou incidentes e, os meios para chegar a isso são preparação e treinamento da equipe, onde sejam aplicadas as práticas de segurança.

Assim, a percepção de uma operação bem sucedida no rafting, apresentada pelos entrevistados, é coerente com os riscos da atividade e, concordante com as exigências impostas sobre a prática.

A segunda etapa da pesquisa, que se encontra na segunda página do questionário (Apêndice 01), tratou das exigências e/ou expectativas da ABETA e de alguns autores para com o rafting enquanto prática do TA, e para com o condutor em sua competência.

O questionário contou com vinte e cinco questões, divididas por afinidade em cinco tabelas, cada questão foi respondida em uma escala de 1 a 4, onde 4 o entrevistado concorda, 3 concorda parcialmente, 2 discorda parcialmente e 1 discorda da afirmação.

A primeira Tabela tratou das atribuições dadas às atividades do TA pela ABETA (2009a) em cinco questões de seis, e na última, do que a CBCa (2015) atribui ao rafting por ser uma prática realizada em equipe.

Tabela 1 – Alguns aspectos promovidos pelo rafting

| O rafting promove: | Avaliação do Entrevistado | | | | | | | Média |
|---|----------------------------------|----|----|----|----|----|----|--------------|
| | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | |
| A harmonia entre as pessoas | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4.00 |
| A harmonia das pessoas com a natureza | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4.00 |
| Ética para os envolvidos na prática | 2 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.71 |
| A preservação do meio ambiente | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 | 4 | 4 | 3.86 |
| Benefícios à comunidade local | 3 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.71 |
| Solidariedade, união, liderança e trabalho em equipe | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |

Fonte: Organização do autor com base nos dados obtidos através dos questionários

O único quesito que teve algum indivíduo em desacordo foi quanto à ética para os envolvidos na prática, em que um dos entrevistados afirmou discordar parcialmente da afirmação. Como os demais disseram concordar, o valor médio

continuou alto, empatado com o valor obtido quanto aos benefícios promovidos à comunidade local, onde dois dos entrevistados alegaram concordar parcialmente.

Conforme propõe a ABETA (2009a), o rafting promove a harmonia entre as pessoas; a harmonia das pessoas com a natureza; ética para os envolvidos na prática; e a preservação do meio ambiente entre outros. Essas informações são confirmadas pela resposta dos entrevistados, pois exprime um alto grau de concordância com dadas questões.

A Tabela 2 tratou de exigências aos condutores, levantadas durante este trabalho. Estas perguntas estão diretamente direcionadas ao entrevistado, conforme o enunciado que começa com a frase: você enquanto condutor. A seguir a Tabela com os valores tabulados e organizados.

Tabela 2 – Profissional enquanto condutor

| Você enquanto condutor: | Avaliação do Entrevistado | | | | | | | Média |
|---|---------------------------|----|----|----|----|----|----|-------|
| | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | |
| Conhece o rio no trecho Radical | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4.00 |
| Conhece as técnicas de condução do bote | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |
| É capaz de aplicar as técnicas de condução | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |
| É certificado como condutor | 3 | 1 | 4 | 4 | 1 | 4 | 4 | 3.00 |
| Conhece as técnicas de salvamento no rio | 4 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |
| É capaz de aplicar as técnicas de salvamento | 4 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |
| Possui certificados de salvamento | 4 | 1 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.57 |
| Possui certificado do Rescue 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4.00 |

Fonte: Organização do autor com base nos dados obtidos através dos questionários

A alternativa com menor pontuação nesta Tabela é a que diz respeito à certificação do entrevistado como condutor – o que exclui certificados de salvamento ou de resgate – e neste ponto dois entrevistados (E2, E5) disseram não portar este tipo de certificado. Em contra partida estes mesmos entrevistados afirmam ser conhecedores das técnicas de condução e capazes de aplica-las.

O fato de não serem certificados pode estar associado ao tempo de trabalho, um com três anos de serviço, enquanto o outro disse estar participando de sua primeira temporada como condutor, ambos estão vinculados como *freelancer* à empresa em estudo.

É interessante observar que as perguntas: conhece as técnicas de condução do bote; e é capaz de aplicar as técnicas de condução, obtiveram média idêntica, assim como nas perguntas: conhece as técnicas de salvamento no rio; e é capaz de

aplicar as técnicas de salvamento. Há uma possível relação entre o que o indivíduo alega conhecer e o que se julga capaz de aplicar tais técnicas.

Neste mesmo aspecto, chamam a atenção os dados apresentados pelo primeiro e o segundo entrevistado. No primeiro caso, conhecimentos e capacidades referentes à condução, receberam, cada um, pontuação 3. Em seguida quando indagado a respeito da sua certificação como condutor, a pontuação dada é três novamente, ou seja, concordando parcialmente. Com o outro indivíduo (E2) este fenômeno se repete, agora quanto aos conhecimentos de salvamento e a capacidade de aplicá-los, estes questionamentos receberam pontuação 3, na próxima pergunta, que diz: possui certificado de salvamento; o entrevistado discordou da afirmação. Estas informações podem estar apontando para a importância das certificações para o conhecimento do condutor e para a aplicação desse conhecimento.

A terceira Tabela tem por base, a referência feita a Cândido, L. A. (2003). A autora traz uma abordagem a respeito do TA, que acaba por levantar três substantivos a serem passados pelos condutores aos clientes: confiança, descontração e tranquilidade. Em suas respostas os condutores alegaram passar este sentimento aos clientes, antes, durante e depois da descida, resultando em uma média total de 3.71, com poucas diferenças entre os valores apresentados.

Na Tabela seguinte foram abordados os assuntos referentes a fatores que envolvem uma operação de rafting. Estes fatores foram levantados principalmente com base no trabalho sobre TA, de Uvinha, R. R. (2005), as informações estão organizadas a seguir.

Tabela 3 – Quanto a algumas variáveis da operação

| Durante uma operação: | Avaliação do Entrevistado | | | | | | | Média |
|--|----------------------------------|----|----|----|----|----|----|--------------|
| | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | |
| Ocorrem problemas | 3 | 3 | 2 | 2 | 4 | 3 | 3 | 2.86 |
| A equipe soluciona problemas que venham a ocorrer | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3.86 |
| No trecho Radical, um resgate externo seria ágil | 2 | 3 | 4 | 4 | 3 | 4 | 3 | 3.29 |

Fonte: Organização do autor com base nos dados obtidos através dos questionários

Conforme já abordado neste trabalho o rafting, como outras práticas do TA, é uma atividade que envolve risco. A respeito disso Cândido (2003, p.146) afirma que práticas de aventura contêm “elementos de risco em que o resultado é influenciado

pelo participante, pelo local e pela gestão profissional da experiência dos turistas”, portanto o resultado também é consequência da competência da equipe envolvida.

Em assentimento com esta e outros autores, como Uvinha (2005) e mesmo a ABETA (2009b), nenhum dos entrevistados afirmou não ocorrerem problemas, apesar de haver certa divergência entre os valores apresentados, resultando em uma média próxima a três. Este valor por si é entendido como de concordância parcial,

O importante, conforme a ABETA (2009b), é que o profissional deve ser capaz de solucionar problemas e proporcionar os resultados esperados, ou seja, o sucesso da operação. Foi este o escopo da segunda pergunta da Tabela, se a equipe soluciona problemas que venham a ocorrer. As respostas foram de concordância total, quase em unanimidade, tendo apenas um entrevistado concordando parcialmente, revelando a competência da equipe de trabalho, na perspectiva de cada entrevistado.

A próxima questão foi sobre a agilidade de um resgate externo, caso fosse necessário durante o percurso, a média obtida foi de 3.29. O valor positivo em relação a tal resgate pode estar relacionado ao trajeto utilizado no passeio, por sua proximidade com a área urbana.

Por fim, quanto à profissionalização do condutor respondente, a última Tabela conteve as seguintes questões.

Tabela 4 – Quanto à profissionalização

| Quanto à profissionalização | Avaliação do Entrevistado | | | | | | | Média |
|---|---------------------------|----|----|----|----|----|----|-------|
| | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | |
| A atividade é planejada e operada por profissionais qualificados | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 | 4 | 4 | 3.86 |
| A qualificação dos profissionais garante a segurança do cliente | 4 | 4 | 4 | 4 | 1 | 4 | 4 | 3.57 |
| Os certificados são importantes para o profissional atuante | 4 | 3 | 4 | 3 | 2 | 4 | 3 | 3.29 |
| Os certificados tornam um profissional capacitado | 3 | 3 | 3 | 3 | 1 | 4 | 4 | 3.00 |
| Obter certificados é o único meio de se tornar capacitado | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 4 | 1.71 |

Fonte: Organização do autor com base nos dados obtidos através dos questionários

Com base na pontuação média, de 3.86, dada pelos entrevistados, a operadora cumpre uma das exigências propostas por Uvinha (2005), quando este

afirma que é importante que a atividade seja planejada e operada por profissionais qualificados.

Na segunda questão, seis dos sete entrevistados concordam que a qualificação dos profissionais garante a segurança do cliente, enquanto um pontuou discordância com tal afirmação. Após o questionário estar completamente respondido, em uma conversa informal com o entrevistado, este justificou sua resposta, dizendo que a afirmação poderia variar de acordo com a conduta pessoal e profissional do condutor, mesmo que seja este devidamente certificado.

As últimas três questões tratavam de certificações, primeiramente se estas são importantes para o condutor, e obteve média 3.29, valor que mostra relativa concordância, bem como na seguinte, onde a média foi 3, questionando se os certificados tornam um profissional capacitado. Ao final da Tabela, a questão que apresentou maior discordância durante o trabalho, cujo enunciado era: obter certificados é o único meio de se tornar capacitado. Para esta questão a média calculada foi de 1.71.

Conforme o que afirma a ABETA (2009b) foi possível interpretar que certificações são importantes para o profissional atuante, mas que este não é o único meio deste se tornar capacitado. A informação levantada e interpretada durante as primeiras etapas da confecção do presente trabalho, foi colocada a prova nestas três últimas questões do questionário. Na interpretação dos resultados obtidos, os certificados são considerados importantes para o profissional da área; os certificados tornam este profissional capacitado; e a certificação não é o único meio para que o condutor se torne capacitado. Lembrando que esta é a interpretação do autor, diante dos valores médios apontados em cada questão.

Com base nos resultados obtidos, é possível traçar alguns aspectos da trajetória a ser percorrida pelo indivíduo que pretende se tornar um condutor de rafting, úteis também para aquele que não tem tal pretensão, mas se interessa de alguma forma pela prática.

Tendo por base o tempo de serviço de cada membro da equipe Apuama, as demais características de um condutor apresentadas neste capítulo e ainda, o que foi observado em campo, para se tornar capacitado, o indivíduo deve buscar o contato com a prática do rafting e com a equipe de guias, ao passo que busca também, certificados de resgate e salvamento (ex.: Rescue 3 e Primeiros Socorros), podendo assim vir a atuar como *freelancer*, posteriormente, com maior experiência e

certificação, obter um contrato para temporada e até um contrato registrado. Estes três níveis de atuação de um condutor, podem ser apresentados no seguinte formato: iniciante, intermediário e avançado.

Assim, congelando o quadro atual da operadora pesquisada, pode se dizer que existem alguns condutores menos experientes em tempo de trabalho e também em certificação, que seriam os iniciantes, outros, intermediários nos dois aspectos, e ainda condutores avançados, que são bem certificados e com mais de dez anos trabalhando na atividade.

Com isso o que se entende é que o indivíduo deve buscar a capacitação através do contato com a atividade, tanto pela prática quanto por certificações, e continuar se especializando e reciclando sempre seus conhecimentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo de caso realizado na agência Apuama Rafting em Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina, foi possível alcançar os objetivos propostos para a pesquisa. Além disso, a fundamentação teórica proporcionou maiores conhecimentos envolvendo o Turismo de Aventura, em especial o rafting, assim como da legislação que regulamenta a prática deste esporte. Estas informações serviram de base e orientaram o levantamento de dados na pesquisa de campo, com as quais puderam ser observadas, confrontadas, comparadas enfim, possibilitaram discussões e conseqüentemente compreensão de como tem se organizado as empresas que ofertam esta prática do TA.

Através dos dados obtidos é possível afirmar que o rafting é uma atividade turística de aventura, que a cada ano tem despertado interesse de um número maior de pessoas, sendo necessária, como verificado, a contratação temporária de alguns condutores em períodos de alta temporada. Possivelmente, essa maior procura esteja relacionada à melhora na qualidade dos serviços prestados pelas empresas do ramo, aos cuidados com os equipamentos e ao respeito às normas de segurança estabelecidas pela ABETA, para a prática.

Através dos questionários foi verificado que os profissionais estão conscientes da necessidade de aplicar técnicas adequadas, que conhecem os procedimentos estabelecidos pela legislação e o quanto esta postura da empresa contribui para a satisfação dos praticantes, o que foi possível verificar através do relato dos condutores, expressos nos questionários.

Esta atividade de aventura possui algumas dessas potencialidades, com base no que foi observado em campo, levantado em pesquisa documental e confirmado através dos questionários.

Quanto à problemática da presente pesquisa, que é: qual a experiência profissional e quais as certificações de um condutor de rafting comercial? Sua resposta está dividida em duas, conforme os objetivos específicos propostos.

A proposta do primeiro objetivo específico foi levantar as certificações necessárias para o condutor, que opera na empresa em estudo. Apesar do desejo expresso pela empresa em estudo, de contratar condutores com diversas certificações, o que pôde ser percebido é que nem todos da equipe satisfazem as

essas expectativas. Assim, foram consideradas necessárias apenas as certificações no curso Rescue 3 e em Primeiros Socorros.

Como resposta ao segundo objetivo específico, quanto às experiências válidas para que um indivíduo atue como condutor de rafting, são apresentados dois aspectos principais, o tempo de trabalho e a quantidade de empresas do ramo, em que o profissional tenha atuado. Pois os condutores que apresentaram maior experiência nestes quesitos, também ocupam cargo mais elevado dentro da empresa. E por fim, como requisito básico, o conhecimento do trecho do rio, onde a atividade é realizada.

O rafting, se conduzido por profissionais habilitados, pode atender a todas as faixas etárias, incluindo também pessoas com limitações físicas e motoras. Pessoas que não sabem nadar participam normalmente da atividade. Um condutor pode atender até sete clientes, assim com sete condutores e um *safety* aproximadamente cinquenta clientes podem ser atendidos em uma única descida, e pelo tempo de duração do percurso, é possível realizar três ou mais operações por dia.

Devido a sua característica, o rafting é uma prática que proporciona fortes emoções e ao mesmo tempo consegue agradar e divertir todos que dela participam. Experiência que foi vivenciada também por este pesquisador durante o estágio realizado nesta empresa.

Baseado nos dados levantados é possível concluir que, quanto maior a qualidade do serviço prestado, maior a confiança proporcionada tanto para os turistas como para o condutor e, proporciona a satisfação das pessoas que passaram pela aventura. A empresa mostrou conhecer as exigências para prática da atividade e que se preocupa com o cumprimento da legislação.

De acordo com a proprietária, o guia deve possuir no mínimo os curso de Rescue 3 e primeiros socorros atualizado e reconhecido pelos órgãos responsáveis e de Condutor de turismo de aventura

Entretanto, existe a dificuldade quanto à certificação dos novos guias, o que demanda esforços das empresas envolvidas na busca da profissionalização de seu quadro de colaboradores, através de cursos próprios, certificados ou não, e também trazendo profissionais da área para que ministrem cursos de resgate, primeiros socorros, condução entre outros. Essa é uma medida que demonstra seriedade e o quanto a empresa está comprometida com a qualidade do serviço e a segurança dos clientes e até mesmo dos seus colaboradores.

Importante pontuar, no entanto, que para o desenvolvimento deste setor da economia, que, como mostrado anteriormente, é significativo na região de Santo Amaro da Imperatriz – SC, é preciso o envolvimento do poder público. Nem tudo depende dos esforços de uma e outra empresa, em dado momento é necessário que o poder público interfira, com planejamento adequado em âmbito nacional, regional e local, incentivando a atividade e promovendo o melhor aproveitamento de seu potencial turístico.

A pesquisa mostrou que as diretrizes para prática do rafting comercial existem, mas são ainda pouco substanciais, pois afirmam a importância da qualificação do condutor, no entanto não demonstram como atingir tal qualificação.

Assim o trabalho pôde, também, mostrar um dos caminhos para chegar a uma qualificação no rafting comercial, ao pontuar alguns aspectos da trajetória do condutor da empresa em estudo.

Outras informações como, quais os certificados de um condutor iniciante, quais os de um condutor intermediário e ainda de um condutor de nível avançado, não são definidos. Delimitar categorias de qualificação poderia contribuir para controlar e padronizar a atividade, podendo posteriormente subsidiar também a categorização das operadoras na atividade, que revelasse a sua qualificação e de sua equipe, permitindo ao cliente interessado comparar empresas e escolher a que satisfaça suas expectativas. Tal exposição levaria as operadoras a uma busca ainda maior pela profissionalização de seus colaboradores.

Entretanto, para que a categorização das operadoras de rafting gere resultados confiáveis, estes teriam de ser fiscalizados, mantendo-se devidamente atualizados, já que a atividade apresenta certa rotatividade dos profissionais atuantes, conforme informações obtidas em conversas informais com guias, durante permanência do pesquisador na base Apuama Rafting.

Essas são considerações supostas com base nas dificuldades encontradas durante esta pesquisa, mas que para poderem ser afirmadas, requerem um estudo aprofundado no assunto, através de futuras pesquisas.

Os dados obtidos através desta pesquisa poderão constituir-se em importante fonte de informações para a formação de futuros profissionais da área, servir de base para outras pesquisas, uma vez que ainda é um campo onde há uma carência de trabalhos científicos na área, justificando a pesquisa em curso.

Quanto ao rafting como atividade turística, o que pode se dizer, é que este é um ramo promissor e ainda pouco explorado, tanto pelo mercado turístico quanto pelo meio acadêmico. Entendendo-se que a pesquisa deve ser continuada para que esta prática do Turismo de Aventura seja, cada vez mais, estudada, discutida e, aperfeiçoada, para que se desenvolva, garantindo a segurança dos praticantes de rafting no Brasil.

REFERÊNCIAS

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

ABETA e Ministério do Turismo. **Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009a. Vol.1.

_____. **Manual de boas práticas de competências mínimas do condutor de turismo de aventura**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009b. Vol.3.

_____. **Manual de boas práticas de rafting**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009c. Vol.10.

ATIVA RAFTING. **A luta pela preservação do rio Cubatão do Sul**. Disponível em: <<http://www.ativarafting.com.br/pt/boletins/38-a-luta-pela-preservacao-do-rio-cubatao-do-sul.html>>. Acesso em 08 nov. 2015.

ATIVA RAFTING. **Bases**. Disponível em: <<http://www.ativarafting.com.br/pt/bases-ativa>>. Acesso em 10 nov. 2015.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Observação de baleias é atração no litoral do país**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20140710_2.html>. Acesso em 19 nov. 2014.

_____. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. **Turismo de aventura busca e salvamento: manual de criação e organização de grupos voluntários de busca e salvamento**. Brasília: Ministério do Turismo, 2005.

_____. **Turismo de aventura: orientações básicas**. 3. ed. Mimeo, 2010.

BROTAS ONLINE. **Rafting brotas**. Disponível em: <<http://brotasonline.com.br/rafting-brotas/>>. Acesso em 07 set. 2015.

BUCKLEY, Ralf; UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de aventura: gestão e atuação profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CÂNDIDO, Luciane Aparecida. **Turismo em áreas naturais protegidas**. Caxias do Sul: EducS, 2003.

CBCA, Confederação Brasileira de Canoagem. **Rafting: história**. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/129>>. Acesso em 04 set. 2015.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Canionismo**. Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/canionismo/11207/>>. Acesso em 16 fev. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel e SOUZA, Aline Corrêa de. **Aspectos teóricos e conceituais**. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUIA FLORIPA. **Rafting**. Disponível em:<<http://www.guiafloripa.com.br/lazer-e-esportes/rafting>>. Acesso em 08 set. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Florianópolis**. Disponível em:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=420540&search=florianopolis>>. Acesso em 03 nov. 2015.

_____. **Santo Amaro da Imperatriz**. Disponível em:
<<http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421570>>. Acesso em 03 nov. 2015.

KAYAK BRASIL. **Rio Cubatão do Sul**. Disponível em:
<<http://www.kayakbrasil.com/rio-cubatao-do-sul-sc>>. Acesso em 19 nov 2015.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIMA, L. **Atitudes**: estrutura e mudança. In: VALA, J. e MONTEIRO, M. B., Psicologia social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LUMIAR AVENTURA. **Curso de condutor de rafting**. Disponível em:
<<http://www.lumiaraventura.com.br/curso-de-condutor-de-rafting>>. Acesso em 19 jul. 2015.

MARCHI, Kátia Bortolotti; MEZZADRI, Fernando Marinho. História da canoagem e do rafting. **XXII Simpósio nacional de história**. João Pessoa, 2003.

MERKLE, Luiz Augusto. **Rafting**: Curso básico. Ed. do autor, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 11ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.

MOCHILEIROS. **Travessia do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/travessia-do-pq-est-da-serra-do-tabuleiro-sc-abr-mai-13-t82426.html>>. Acesso em 10 nov. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman Companhia, 2003.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

PORTAL SANTO AMARO. **Apuama Rafting**. Disponível em: <<http://www.portalsantoamaro.com/conteudo/14/apuama-rafting>>. Acesso em 11 nov. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Geografia**. Disponível em: <http://www.prefeituramunicipaldeflorianopolis.gov.br/home/informacoes/locaisde-atendimento/locais/geografia_sc.shtm>. Acesso em 03 nov. 2015.

PRIBERAM. **Rafting**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/rafting>>. Acesso em 25 nov. 2015.

RAFT ADVENTURE. **Equipe**. Disponível em: <<http://www.raft.com.br/raft-adventure/equipe/>>. Acesso em 19 out. 2015.

RESCUE 3 INTERNATIONAL. **List of courses**. Disponível em: <<http://www.rescue3international.com/courselist.php>>. Acesso em 19 de out. 2015.

SANTA CATARINA. **Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**: retratos da flora e da fauna. Florianópolis: criAG, 2009.

SEABRA, Giovanni. **Ecos do turismo**: o turismo ecológico em áreas protegidas. Campinas: Papirus, 2001.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Santa Catarina em números**: Santo Amaro da Imperatriz em números. Florianópolis: Sebrae/SC, 2013.

SWARBROOK, John. **Turismo de aventura**. São Paulo: Campus: 2003.

TARTARUGAS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.tartarugas.net/quem-somos/>>. Acesso em 11 fev. 2016.

TREKKING DAS ÁGUAS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.tdarafting.com.br/tda.htm>>. Acesso em 10 nov. 2015.

TRILHAS E AVENTURAS. **Os rios brasileiros para a prática do rafting**. Disponível em: <<http://www.trilhaseaventuras.com.br/os-rios-brasileiros-para-pratica-rafting/>>. Acesso em 07 set. 2015.

TRIPADVISOR. **Rafting e passeios de boia por rios**. Disponível em:
<<http://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g294280-Activities-c61-t193-Brazil.html>>.
Acesso em 08 set. 2015.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de aventura: Reflexões e Tendências**. São Paulo: ALEPH – São Paulo, 2005.

XAVIER, H. Educação Ambiental: caminho para a sustentabilidade ecológica no turismo. In: BARRETO, M. e TAMANINI, E. (org). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS. 2002.

ZECHNER, S.; FRANCO, D.; GARBOSSA, L. **Modelagem hidrológica da bacia do rio Cubatão do Sul com o modelo SWAT** – Soil and Water Assessment Tool. In: XX Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos. Associação Brasileira de Recursos Hídricos. Bento Gonçalves – RS, 17 nov. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Questionário para o condutor

Idade: Sexo: Cidade/Estado/País de origem:

1. Há quanto tempo trabalha como guia de rafting?

R.:

2. Possui algum certificado relacionado com a prática do rafting?

() Sim () Não

Quais:

3. Qual seu vínculo empregatício com a operadora Apuama Rafting?

- a. Condutor registrado
- b. Contratado para temporada
- c. Freelancer
- d. Outro:

4. Em quantas empresas já atuou como guia de rafting?

R.:

5. Na sua opinião, o que lhe torna capacitado para trabalhar nessa atividade?

- a. Os certificados que possui
- b. A experiência como guia
- c. Outro:

6. Para você quando uma operação é bem sucedida (no rafting)?

A seguir preencha cada linha com um número de 1 a 4. Onde 4 concorda, 3 concorda parcialmente, 2 discorda parcialmente, 1 discorda da afirmação.

O rafting promove:

| | |
|--|--|
| A harmonia entre as pessoas | |
| A harmonia das pessoas com a natureza | |
| Ética para os envolvidos na prática | |
| A preservação do meio ambiente | |
| Benefícios à comunidade local | |
| Solidariedade, união, liderança e trabalho em equipe | |

Você enquanto condutor:

| | |
|--|--|
| Conhece o rio no trecho Radical | |
| Conhece as técnicas de condução do bote | |
| É capaz de aplicar as técnicas de condução | |
| É certificado como condutor | |
| Conhece as técnicas de salvamento no rio | |
| É capaz de aplicar as técnicas de salvamento | |
| Possui certificados de salvamento | |
| Possui certificado do Rescue 3 | |

Antes, durante e após uma operação você passa ao cliente:

| | |
|---------------|--|
| Confiança | |
| Descontração | |
| Tranquilidade | |

Em uma operação:

| | |
|---|--|
| Ocorrem problemas | |
| A equipe soluciona problemas que venham a ocorrer | |
| No trecho Radical, um resgate externo seria ágil | |

Quanto à profissionalização

| | |
|--|--|
| A atividade é planejada e operada por profissionais qualificados | |
| A qualificação dos profissionais garante a segurança do cliente | |
| Os certificados são importantes para o profissional atuante | |
| Os certificados tornam um profissional capacitado | |
| Obter certificados é o único meio de se tornar capacitado | |

APÊNDICE 02: Questionário para a empresa

1) Quais as qualificações exigidas para seleção do condutor e como é feita a comprovação de tais qualificações?